

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE
PERNAMBUCO**

CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA - PIMES

A Integração e Coordenação dos Agentes Públícos e Privados na
Fruticultura Irrigada no Pólo Petrolina-PE / Juazeiro – BA, Visando o
Mercado Global.

JURANDI GALDINO DA SILVA

Recife/PE, 2007

JURANDI GALDINO DA SILVA

**A Integração e Coordenação dos Agentes Públicos e Privados na
Fruticultura Irrigada no Pólo Petrolina-PE / Juazeiro – BA, Visando o
Mercado Global.**

**Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Economia da Universidade Federal de
Pernambuco, no Mestrado de Economia, Turma de
Comércio Exterior e Relações Internacionais como requisito
para obtenção do grau de mestre.**

Orientador: Ecio de Farias Costa

Recife/PE, 2007

Silva, Jurandi Galdino da

A integração e coordenação dos agentes públicos e privados na fruticultura irrigada no Pólo Petrolina-PE/Juazeiro-BA, visando o mercado global / Jurandi Galdino da Silva. – Recife : O Autor, 2007.

70 folhas : fig. tab. e quadro.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CCSA. Economia, 2007.

Inclui bibliografia e glossário.

1. Fruticultura. 2. Comércio internacional. 3. Sociedades de investimentos – Pólo de Fruticultura irrigada Petrolina-PE/Juazeiro-BA. I. Título.

339.13
330

CDU (1997)
CDD (22.ed.)

UFPE
CSA2007-097

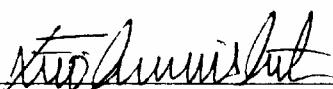
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA
PIMES/PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA

PARECER DA COMISSÃO EXAMINADORA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DO
MESTRADO PROFISSIONAL EM ECONOMIA DE

JURANDI GALDINO DA SILVA

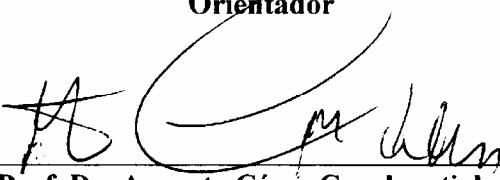
A Comissão Examinadora composta pelos professores abaixo, sob a presidência do primeiro, considera o Candidato Jurandi Galdino da Silva **APROVADO**.

Recife, 22/08/2007.



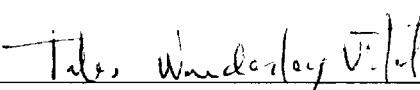
Prof. Dr. Ecio de Farias Costa

Orientador



Prof. Dr. Augusto César Cavalcanti de Oliveira

Examinador Interno



Prof. Dr. Tales Wanderley Vital

Examinador Externo/UFRPE

A

*Minha mãe, esposa e filhas, Santina,
Márcia, Júlia, Fernanda e Sabrina.*

AGRADECIMENTOS

Ao concluir este trabalho não poderia deixar de enaltecer e externar os mais sinceros agradecimentos às pessoas e instituições que direta ou indiretamente contribuíram nesta caminhada.

À Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) Semi-Árido, A Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco (CODEVASF), ao Perímetro de Irrigação Nilo Coelho, Maria Tereza e Bebedouro, a VALEXPORT, Centro Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco (CEFET), Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), Banco do Nordeste do Brasil (BNB), e outros, pela recepção e apoio quando das incursões in loco, contribuindo para realização deste trabalho;

Ao Prof. Ecio de Farias Costa, pela oportunidade de sua orientação.

Aos mestres e funcionários da Universidade Federal de Pernambuco, pelos conhecimentos adquiridos durante a realização do curso;

Aos colegas do curso de mestrado com quem muito aprendi: Robson, Tarcísio, Hugo, Ticiiana, Alcides, Erick, Flávio, Sávio, Gomes, Janaína, Arthur, Fernanda, Iratan, Ivan, Lytiene, Beatriz, Abílio, Sandro e Ricardo, “e todos aqueles com quem compartilhei o ambiente universitário”.

Aos amigos e colegas Diogo, Graça Ferreira, Valnei, Samuel e Mário pela amizade e incentivo na confecção desse trabalho.

SUMÁRIO

1.	<i>INTRODUÇÃO</i>	10
1.1-	Objetivos geral, objetivos específicos, hipóteses do trabalho e metodologia	12
1.2-	Marco conceitual	14
1.3-	Estrutura do trabalho	16
2.	<i>CARACTERÍSTICA E EVOLUÇÃO DO COMÉRCIO INTERNACIONAL DE FRUTAS</i>	18
2.1-	Produção mundial de frutas e os principais países produtores	18
2.2-	Etapas da evolução da fruticultura no mercado global	20
2.3-	Características do segmento frutícola	21
2.4-	Determinantes da evolução do comércio internacional de frutas	23
2.5-	O mercado e consumo de frutas	24
2.6-	Os países emergentes e sua participação no comércio global de frutas	25
3.	<i>A EVOLUÇÃO DA FRUTICULTURA NO SUBMÉDIO SÃO FRANCISCO (SMSF)</i>	27
3.1-	As Fases de evolução no segmento frutícola no SMSF (1950–1975)	27
3.1-1.	A constituição do pólo de fruticultura irrigada no SMSF	29
3.1-2.	A produção de frutas para o mercado internacional do pólo Petrolina-PE/ Juazeiro - BA (1985 -2000)	31
3.1-3.	A consolidação do pólo de fruticultura do SMSF (1995 – 2006)	34
3.1-4.	O processo de evolução e arranjos produtivos no pólo de fruticultura	40
4.	<i>INTEGRAÇÃO DOS AGENTES PÚBLICO E PRIVADO COMO FATOR DETERMINANTE PARA O PÓLO DE FRUTICULTURA IRRIGADA PETROLINA – PE/ JUAZEIRO – BA</i>	43
4.1-	A importância das organizações associativas no pólo de fruticultura	43
4.2-	A Associação dos Produtores Exportadores de Hortigranjeiros e Derivados do Vale do São Francisco (Valexport)	46
4.3-	As organizações de representação dos fruticultores do pólo	47
4.3-1.	O perfil das organizações de produtores na fruticultura e sua dependência do poder público	47
4.3-2.	A integração dos agentes público e privado e sua relevância no pólo de	

	fruticultura irrigada Petrolina – PE/ Juazeiro – BA	49
4.3.2-1.	Infra-estrutura	50
4.3.2-2.	Assistência técnica	50
4.3.2-3.	Pesquisa & desenvolvimento	51
4.3.2-4.	Crédito e financiamento	53
4.3.2-5.	Associativismo	54
4.3.2-6.	Cooperativismo	55
4.3.2-7.	Treinamento e Capacitação	56
4.3.2-8.	Logística	57
4.3.2-9.	Comércio	59
4.3.2-10.	As barreiras e os desafios do pólo de fruticultura do SMSF	60
4.4-	O potencial da fruticultura irrigada no SMSF	61
5.	<i>CONCLUSÕES E SUGESTÕES</i>	63
6.	<i>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</i>	66

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

	Pág.
Figura 1. - Localização do pólo Petrolina- PE/ Juazeiro – BA no Semi-Árido	
Nordestino	11
Tabela 1. - Projetos públicos de irrigação no Submédio São Francisco	29
Tabela 2. - Evolução da área colhida, em hectares, das principais culturas irrigadas no pólo Petrolina- PE/ Juazeiro - BA - 1980-1995	33
Tabela 3. - Exportações de frutas do pólo Petrolina- PE/ Juazeiro - BA – 1991-2000	33
Tabela 4. - Culturas e áreas cultivadas, em hectares, por colonos e empresários nos perímetros irrigados do pólo Petrolina - PE/ Juazeiro - BA – 2000	36
Tabela 5. - Comparativo das exportações de frutas frescas - 2006/2005	37
Tabela 6. - A - Exportações de Uvas no Vale do São Francisco	38
Tabela 7. - Exportação Brasileira de Uva por País de Destino 2006	39
Tabela 8. - B - Exportações de Mangas no Vale no São Francisco	39
Tabela 9. - Exportação Brasileira de Manga por País de Destino 2006	40
Quadro 1. - Cooperativas, associações e distritos dos perímetros irrigados do pólo Petrolina - PE/ Juazeiro – BA	45
Figura 2. - Integração e Encadeamento dos Principais Serviços necessários aos produtores do SMSF	53
Tabela 10. - Valores Contratados Pelo BNB Em R\$ Milhões - Valores Históricos	54

RESUMO

O presente trabalho representa o resultado da pesquisa realizada no pólo de fruticultura irrigada de Petrolina- PE/ Juazeiro - BA, sobre o processo de integração dos agentes públicos e privados e sua importância para o segmento frutícola visando o mercado internacional. O objetivo é analisar a forma de organização dos produtores e se os arranjos utilizados são suficientes para impulsionar as exportações de frutas do pólo Petrolina- PE/ Juazeiro - BA dadas às exigências do mercado internacional.

O pólo de fruticultura irrigada apresenta imenso potencial para elevar as exportações, em razão do crescimento do mercado mundial, o que denota a necessidade de investimentos no setor, bem como de políticas específicas e integradas, visando à melhoria da estrutura produtiva e de comercialização, inserindo os pequenos, médios e grandes produtores, no mercado mundial de frutas.

As conclusões deste trabalho apontam que as análises realizadas no setor frutícola de Petrolina- PE/ Juazeiro - BA, demonstraram a existência de parcerias, com ações conjuntas e organizadas por parte de seus atores. Ressalta-se, que em função das transformações decorrentes do processo de globalização da economia, no que tange a fruticultura, sejam necessárias medidas integradas dos agentes públicos e privados, visando regular e promover arranjos produtivos, que contribuam para o fortalecimento e competitividade do pólo de fruticultura no mercado global.

Palavras chaves: Fruticultura; Competitividade; Integração e Coordenação.

ABSTRACT

This work represents the result of the research done in the irrigated fruit culture area in Petrolina – PE/ Juazeiro – BA, about the process of public and private agents integration and its importance for the fruitful segment focusing on the international market. The aim is analyzing the form of producer's organization and checking whether the arrangements used are enough in order to stimulating fruit exportations in the area of Petrolina – PE/ Juazeiro – BA according to the demands of the international market.

The irrigated fruit culture area presents a wide potential to elevate the exportations, due to the increase of the world market, showing the necessity of investments in the sector, as well as the presence of specific and integrative policy, pointing to the improvement of productive structures and commercialization, filling the small, medium and big producers in the world market of fruits.

The conclusions of this work tell that the analyses done in the fruit sectors in Petrolina – PE/ Juazeiro – BA, demonstrate the existence of partnerships with organized and conjoint actions of its own actors. It is worth to say that in terms of the transformations which come from the process of economy globalization, related to the fruit culture, integrated measures of private and public agents are necessary, consisting in regulating and promoting productive arrangements which can contribute to the strength and competition of the fruit culture area in the global market.

Key-words: Fruit culture; Competition; Integration and Coordination.

1. INTRODUÇÃO

O segmento frutícola da região do Sub-Médio São Francisco (SMSF) apresentou elevado nível de crescimento em suas atividades, no decorrer dos anos 80, consolidando-se na região como expressivo pólo de fruticultura irrigada em Petrolina – PE e Juazeiro – BA. Mesmo com a pouca capacidade de investimento do Estado, a implantação dos perímetros irrigados pela CODEVASF possibilitou o alcance de ótimos resultados no cenário internacional.

O processo evolutivo do pólo de fruticultura irrigada Petrolina - PE/ Juazeiro – BA, apresenta um grande potencial econômico e por sua vez, a necessidade de melhoria na reestruturação produtiva, integrando as cadeias agroalimentares na formação de um pólo competitivo e auto-sustentável. O pólo Petrolina-PE/Juazeiro-BA, apresentou elevado crescimento na produção de frutas em bases irrigadas, transformando e acelerando a região sob uma nova visão de organização produtiva.

A região do Sub-médio São Francisco com mais de 100 mil hectares irrigados, entre projetos públicos e privados, de um potencial de aproximadamente 220.000 hectares apresenta um terço de área ocupada com fruticultura, sendo 31,0 mil hectares ocupados com as culturas de manga, uva, banana, coco, goiaba, maracujá e acerola. Desse total, segundo a Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco - CODEVASF (1999), cerca de 21 mil hectares estão situados dentro dos perímetros públicos de irrigação. (Figura 1.).

Os principais produtos de exportações são as culturas da manga e da uva, tendo em vista a boa inserção no mercado internacional, em função da qualidade, despertando interesses e atraindo investimentos pela infra-estrutura existente no pólo Petrolina-PE/Juazeiro-BA

Nos anos 90 ocorreram vários investimentos na produção de frutas, realizados por grandes empresas já instaladas e outras recém-chegadas à região, sobretudo aquelas ligadas a grupos empresariais brasileiros ou multinacionais.

Segundo Gama (2001), a emancipação do pólo de fruticultura na região se deu à medida que os empresários perceberam o potencial econômico existente na região, se apropriando dos poucos incentivos dispensados pelo Estado.

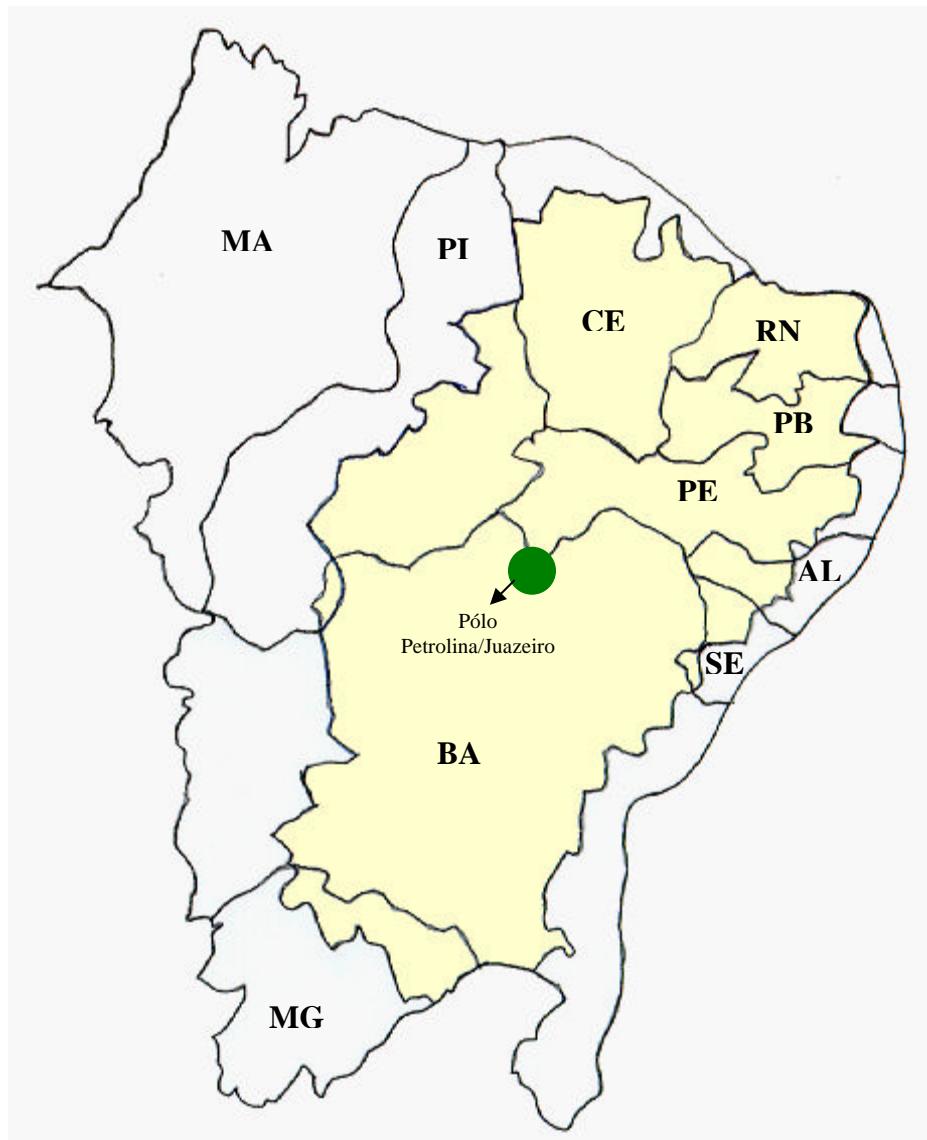


Figura 1. – Localização do pólo Petrolina - PE/ Juazeiro – BA no Semi-Árido Nordestino

Em função da menor inserção do Estado na formulação de políticas públicas para a fruticultura irrigada na região, o segmento empresarial buscou atender as diversas demandas do setor, criando e estabelecendo, diretrizes e estratégias com objetivo de contemplar os interesses individuais e coletivos. Criou-se, então a VALEXPORT (Associação dos Produtores Exportadores de Hortigranjeiros e Derivados do Vale do São Francisco) despertando na região a necessidade dos pequenos produtores estarem melhores organizados,

em associações ou cooperativas na representação e introdução de medidas, que permitisse a este setor competitividade no mercado de frutas (VALEXPORT, 1996).

Destaca-se, porém a representação exercida pela VALEXPORT no comando das ações que atendessem às necessidades e interesses da cadeia produtiva de frutas da região, especialmente aquelas ligadas ao mercado externo, estabelecendo-se em torno dessa associação o que Soto Baquera (1992) e Graziano da Silva (1996) consideram uma forma de coordenação política de representação setorial junto ao Estado.

Atualmente, dois grandes movimentos sinalizam alterações ou ajustes na composição desse tipo de arranjo corporativo. O primeiro vem em decorrência dos chamados alimentos de alto valor (*HVF – High Value Foods*) que visa atender as exigências do mercado internacional de frutas, com políticas direcionadas a estas novas demandas, em função da competitividade deste setor. O segundo resulta de duas vertentes: a primeira pela falta de políticas públicas efetivas, a segunda, pela realidade da globalização favorecendo os investimentos estrangeiros de empresas no pólo Petrolina - PE/ Juazeiro - BA, na produção e comercialização de frutas.

Segundo Belik (1999), esta realidade se faz presente através dos grandes grupos varejistas das redes de supermercados como o Carrefour, que se lançou na produção de frutas e continua ampliando seus investimentos na região, o Bompreço (Wal-Mart), atua na região por intermédio de sua Central de Compras.

Isto posto, faz-se necessário avaliar e conhecer a importância do trabalho integrado dos agentes público e privado na Fruticultura do Submédio São Francisco nas duas últimas décadas e responder alguns questionamentos, como os que se apresentam a seguir: Que fatores proporcionaram a alavancagem do setor frutícola na região? Quais os impactos advindos da reestruturação da fruticultura irrigada pelos agentes público e privado? Quais políticas públicas são pertinentes e podem favorecer aos produtores com a integração público e privado na fruticultura irrigada do pólo?

1.1. Objetivos geral, objetivos específicos, hipóteses do trabalho e metodologia

O objetivo geral deste trabalho é identificar as formas de integração e coordenação dos agentes públicos e privados que foram e são determinantes para o impulso da fruticultura irrigada do pólo Petrolina - PE/ Juazeiro - BA visando o mercado global.

Os objetivos específicos deste trabalho são:

- a) demonstrar o processo de evolução e organização produtiva da fruticultura irrigada no pólo Petrolina - PE/ Juazeiro - BA;
- b) avaliar a importância das instituições dos interesses público e privado em favor do setor frutícola.
- c) verificar as ações empreendidas pelos produtores visando o mercado global;
- d) analisar a sustentabilidade do pólo diante de um mercado competitivo e globalizado.

Para o desenvolvimento do trabalho proposto, partiu-se das seguintes hipóteses:

- 1) O setor frutícola do pólo Petrolina - PE/ Juazeiro – BA, obteve maior visibilidade a partir da implantação dos perímetros de irrigação pela CODEVASF.
- 2) A produção de frutas na região do Sub-médio São Francisco sempre esteve voltada ao mercado de exportação, sendo boa parte, coordenada pelas empresas, por suas estruturas logísticas, de produção e distribuição.
- 3) A cadeia produtiva do pólo contempla pequenos e médios produtores que devidamente organizados, tem potencial de abastecer o mercado interno e externo.

A realização de estudo sobre a integração dos agentes público e privado na Fruticultura irrigada no pólo Petrolina-PE / Juazeiro-BA, visando o mercado global, foi baseado no modelo de pesquisa de natureza qualitativa, pois refere-se a uma pesquisa de aprofundamento e detalhamento da cadeia estudada (Patton, 1990).

A presente pesquisa elegeu uma abordagem metodológica que comparou o uso de fontes secundárias com a realização de entrevistas, num processo de amostragem intencional. A delimitação da área de abrangência do estudo. A pesquisa enfatizou a integração dos agentes públicos e privados na fruticultura irrigada no pólo Petrolina-PE / Juazeiro-BA, visando o mercado global. O Levantamento de antecedentes na pesquisa, foi iniciada por um abrangente processo de identificação e análise de informações de fontes secundárias. As informações foram obtidas junto às instituições públicas e privadas como: empresa de pesquisa, associações de classe, órgãos de governo e outras fontes que pudesse contribuir com dados e informações sobre a fruticultura irrigada do SMSF.

As informações levantadas possibilitaram a identificação dos principais agentes, os setores e as áreas de estudo, necessárias à pesquisa. As visitas in loco, e a realização de entrevistas com alguns agentes públicos e privados, contribuíram na formulação de um pré-diagnóstico da ocorrência de maior integração, e, se as expectativas e necessidades dos produtores estavam sendo atendidas.

As visitas e entrevistas realizadas in loco, permitiram e enriqueceram a pesquisa quanto à sua validade, no que se refere ao aprofundamento do trabalho bibliográfico, subsidiando e identificando os aspectos que melhor se aplicaria na conjuntura atual e proposições a serem discutidas para o futuro.

1.2. **Marco conceitual**

O marco de evolução do setor agrícola brasileiro decorreu, sobretudo, dos estudos realizados, sobre o processo de modernização da agricultura nacional, que ressalta a noção de complexos agroindustriais (CAIs), apresentados por Graziano da Silva (1991) e Kageyama *et al.* (1996). Estes estudos contemplaram setores que apresentam encadeamentos tecnológicos e produtivos, dos agentes público e privado, integrando os segmentos agrícolas e industriais, visando à melhoria da tecnologia e dos arranjos produtivos.

Os fatores que contribuem para integração e coordenação dos agentes públicos e privados, que foram e são determinantes para evolução da fruticultura do polo Petrolina - PE/Juazeiro - BA, e são estudados na abordagem centrada nos CAIs.

O uso deste mecanismo, como medida de análise, parte, das seguintes razões: 1) O caráter histórico de construção e formulação dos complexos; 2) O Estado e suas políticas públicas, definindo o processo de desenvolvimento do setor frutícola; 3) Os complexos como espaços de formulação de políticas setoriais, sub-setoriais ou regionais; e, 4) A integração e coordenação entre as organizações de interesses público e privado, visando à consolidação dos complexos.

O marco do neocorporativismo permite verificar a participação do Estado na introdução das políticas públicas, articulando os interesses privados em torno dos complexos agroindustriais brasileiros. Vários autores, entre eles Graziano da Silva (1993, 1996), Soto Baquera (1992), Ramalho Júnior (1994), Belik (1995), citados por Gama, 2001, pág.07, valeram-se dessa abordagem para realçar o papel das organizações de interesses privados nas decisões de políticas públicas e ampliação do espaço econômico setorial.

Na última década, os agentes privados inseridos no agronegócio brasileiro, provocam um movimento de mudanças das cadeias agroalimentares, com distintos graus de poder e influência nas relações econômicas. Fica evidente a participação de um número cada vez menor, de grandes atores que atuam nas esferas da produção, distribuição de alimentos e na comercialização em escala internacional. Este movimento advém da chegada de empresas

estrangeiras dotadas de uma organização baseada em redes integradas, com capacidade de concentração e dominação econômica sobre os setores em que atuam.

Este fenômeno em que as organizações modernas, como as grandes redes de supermercados, interagem na articulação e coordenação dos encadeamentos e segmentos econômicos envolvidos, é um processo recente (Belik, 1999).

É importante estar atento às mudanças de comportamento quanto a padrões de consumo no sistema de abastecimento de alimentos, tendo em vista ser um mercado em que cada vez mais se faz necessária uma logística e distribuição eficiente, visando novas formas de arranjos e processos produtivos com políticas integradas entre os agentes públicos e privados.

Quanto às abordagens que discorrem acerca de cadeias agroindustriais, destacam-se aquelas com o enfoque de redes, conforme Green & Santos (1993). A primeira abordagem tem um aspecto mais flexível do que a abordagem tradicional de cadeia centrada no mercado, que por sua vez ressalta o modelo de organização agroindustrial.

A segunda abordagem dos sistemas agroindustriais, conforme Farina & Zylbersztajn (1991), Machado Filho et al. (1996), Damiani (1999) e Nassar (2001), retratam e ressaltam os sistemas agroindustriais, que integram toda cadeia produtiva (indústria, processadores e distribuidores). O processo produtivo em que está inserido o sistema agroalimentar brasileiro, privilegia, sobretudo o mercado global em razão do potencial apresentado no campo, principalmente pela presença das grandes redes varejistas que atuam no mercado internacional (Watts & Goodman, 1997).

As mudanças oriundas dos fatores tecnológicos e crescimento da economia mundial têm proporcionado elevação do mercado consumidor, favorecendo e priorizando espaços regionais, através de políticas públicas, visando maior competitividade e inserção em mercados diversificados decorrentes de produtos de melhor qualidade (Graziano da Silva, 1997). Por conseguinte é necessário, maior encadeamento dos agentes públicos e privados na tomada de decisões de forma compartilhada quanto às políticas a serem aplicadas (Bonanno *et al.*, 1999).

São esses marcos analíticos presentes na Nova Economia Política, que abordam a evolução da fruticultura, na construção dos mercados e na produção de frutas no polo Petrolina - PE/ Juazeiro - BA. As transformações relacionadas à fruticultura no âmbito internacional, em países com grande extensão territorial e populacional como o Brasil, configuram-se um mercado potencial.

É no âmbito interno que se organiza e se realiza a quase totalidade da produção e do consumo da grande maioria dos alimentos, inclusive das frutas. Mas, é em território nacional que ocorrem as formulações dos arranjos e de regulação, pelo poder público ou privado, visando o atendimento das demandas sociais.

É importante enfatizar que o potencial do pólo de fruticultura irrigada Petrolina - PE/Juazeiro - BA, é diferenciado dadas às circunstâncias dos perímetros de irrigação e a estrutura hoje estabelecida na região. No entanto, a dinâmica dos mercados interno e externo no que tange a aspectos econômicos e comportamento dos consumidores, são imprescindíveis para direcionar a melhora dos processos produtivos, no tocante a arranjos, manejos, logística, certificações, entre outras favorecendo e integrando os atores no plano local e no âmbito internacional.

Assim, o estudo propõe que o pólo Petrolina - PE/ Juazeiro – BA, apresenta uma nova forma de atuação produtiva, relacionada à nova dinâmica econômica de evolução do sistema agroalimentar mundial. O que requer a introdução de elementos que retrate os marcos analíticos dos CAIs, observando os princípios teóricos e empíricos adequados a compreensão de internacionalização dos padrões de produção e consumo dos alimentos de alto valor, bem como do processo de inserção produtiva de determinadas regiões, como o pólo Petrolina - PE/Juazeiro - BA. Estabelecer arranjos e processos produtivos compatíveis, com as exigências estabelecidas pelo mercado interno e externo é fundamental para atender os interesses da cadeia produtiva do pólo.

1.3. Estrutura do trabalho

A dissertação está organizada em cinco capítulos. Este primeiro capítulo introdutório, discorre-se acerca do objetivo geral, específico, as hipóteses do trabalho, a metodologia, o marco conceitual, e a estrutura do trabalho.

No segundo capítulo, realiza-se a revisão da literatura sobre o processo de internacionalização da fruticultura, procurando destacar a evolução do mercado de produtos frescos. O objetivo principal do capítulo é compreender a inserção das regiões produtoras e exportadoras de frutas no mercado internacional.

O terceiro capítulo descreve os fatores que contribuíram para constituição e evolução do complexo frutícola do pólo Petrolina - PE/ Juazeiro - BA. Os processos de mudanças e arranjos introduzidos no pólo, que transformaram a agricultura irrigada no Submédio São

Francisco. Mostra-se o período de evolução da fruticultura, caracterizando os fatores que determinaram a sua expansão.

No quarto capítulo enfatiza-se a importância do trabalho integrado dos agentes públicos e privados como fator determinante na organização e representação dos interesses do pólo de fruticultura irrigada Petrolina - PE/ Juazeiro – BA, visando o mercado global.. Ao final deste capítulo, avaliam-se as formas de integração dos agentes públicos e privados, e a auto sustentabilidade do pólo.

No quinto capítulo explana-se sobre as conclusões obtidas na realização desta dissertação.

Além dos capítulos acima descritos, a dissertação contém ainda, as referências bibliográficas.

2. CARACTERÍSTICAS E EVOLUÇÃO DO COMÉRCIO INTERNACIONAL DE FRUTAS

Este capítulo apresenta questões relativas à evolução do comércio mundial de frutas, relevantes para a compreensão das regiões produtoras e exportadoras de frutas dos países emergentes.

Parte-se de uma revisão da literatura que trata da internacionalização do sistema sócio-econômico no campo da fruticultura do mercado mundial e os principais fatores de sua evolução.

No decorrer dos últimos vinte anos, a fruticultura mundial tem passado por transformações, cuja marca principal tem sido o surgimento de complexos de produção de frutas voltados para o mercado internacional que atendem as diversas etapas da cadeia produtiva – da produção ao consumo, caracterizando as recentes mudanças e evolução no sistema agroalimentar internacional.

Compreender a atividade em que atua, é fundamental para toda organização, no tocante a fruticultura não é diferente, conhecer o mercado internacional de frutas é extremamente importante para os fruticultores brasileiros que buscam, cada vez mais, expandir este mercado. As peculiaridades atípicas só encontradas no Brasil, relativas a condições climáticas, credencia a tornarmos um dos maiores produtores e exportadores de frutas do mundo.

O Brasil apresenta elevado potencial para produção de frutas durante o ano todo e, em algumas regiões, mais de duas safras ano, como o pólo Petrolina/Juazeiro. Por sua vez, ainda é pequena a diversidade produtiva e em escala de produção insuficientes para atender o mercado externo.

O mercado mundial de frutas movimenta cerca de US\$ 21 bilhões/ano e cresce à taxa de 5% ao ano, sendo constituído, em sua maior parte, por frutas de clima temperado, típicas da produção e do consumo no Hemisfério Norte, embora seja elevado o potencial de mercado para as frutas tropicais. Adicionando-se o valor das frutas processadas, estas cifras superam US\$ 55 bilhões (FAO, 2005).

2.1. Produção Mundial de Frutas e os Principais Países Produtores

A produção mundial de frutas apresenta enorme diversidade, das quais pequena parcela é comercializada internacionalmente em larga escala, principalmente as frutas

temperadas. Neste grupo apenas a banana apresenta-se com destaque, caracterizada como fruta tropical. Em escala intermediária, são comercializadas as frutas temperadas com sementes, melão, morango, kiwi, figo e caqui, e as tropicais, como abacate, manga, mamão, abacaxi e limas ácidas. As demais frutas são comercializadas internacionalmente em escala muito reduzida (FAO, 2005).

Os dez maiores produtores ofertam a metade do volume de frutas no mundo, sendo o Brasil superado apenas pela China e Índia. Entretanto, países como China, Índia e Brasil são grandes produtores, mas têm a quase totalidade de sua produção voltada para o mercado interno, com baixa presença no comércio internacional, onde o Brasil participa com pouco mais de 1%.

Os dez maiores países produtores de frutas em 2004, segundo a FAO, (2005), em 1000 toneladas, são: China, Índia, Brasil, Eua, Indonésia, Espanha, Itália, México e Turquia, sendo que as principais frutas produzidas no mundo, nos últimos dez anos pela ordem, são: banana, melancia, uva, laranja, maçã, coco, melão, manga, tangerina, pêra, pêssego, abacaxi, limão e lima. A produção de frutas na China em 2004 excedeu a casa de 161 milhões de toneladas, ocupando o primeiro lugar, a Índia, produziu 58 milhões de toneladas, apresentando-se em segundo lugar e o Brasil alcançou a marca de 40 milhões de toneladas (FAO, 2005).

Com relação ao setor industrial, o processamento de suco de frutas está em franca expansão, ocupando papel de relevância no agronegócio mundial, com destaque para os países em desenvolvimento, que são responsáveis pela metade das exportações mundiais.

A demanda atual é crescente para sucos e polpas de frutas tropicais, principalmente de abacaxi, maracujá, manga e banana, que são responsáveis pela maioria das exportações. No caso específico do suco de laranja, o Brasil figura como o maior produtor e exportador mundial, com cerca de 80% das transações internacionais.

O Brasil possui clima e extensão territorial que o torna um grande produtor de alimentos no mundo, sendo um dos três maiores produtores mundiais de frutas, algo em torno de 40 milhões de toneladas por ano. Não obstante essa colocação, o Brasil exporta pouco mais de 1% da sua produção de frutas in natura, ocupando o 20º lugar entre os países exportadores, segundo dados do Ministério da Agricultura.

As inquestionáveis vantagens comparativas do País – grande variedade de frutas, clima, solo, água para irrigação, alta oferta de mão-de-obra, etc - não tem sido suficientes para romper a fronteira interna e conquistar maior fatia do mercado internacional

Em 2006 as exportações brasileiras de frutas frescas geraram divisas superiores à US\$ 480 milhões para um volume aproximado de 830 mil toneladas contra US\$ 119 milhões,

correspondentes a 297 mil toneladas em 1998, com crescimento superior a 280% em volume e 370 % em valor. Em 2006 as exportações de frutas ficaram focalizadas principalmente nas uvas, melão, manga, banana, limões e limas e maças.

2.2. Etapas da evolução da fruticultura no mercado global

Segundo Friedmann & McMichael (1989), Friedmann (1993), Bonanno (1994) e Marsden (1999), o sistema agroalimentar internacional apresenta diversas faces, quanto ao estilo de consumo sendo estas oriundas de vários fatores como mudança de comportamento, aquecimento da economia, programas sociais de distribuição de renda e outros, visando identificar as variações e as razões relativas ao crescimento para formulação de melhores políticas para o setor frutícola em determinados meses do ano.

Para Marsden (1999), o sistema agroalimentar internacional, configura-se em três regimes alimentares que compreendem a fatores de acumulação e regulação social. O primeiro regime alimentar, caracterizado como extensivo, se deu no período de 1870 e 1914, através dos Britânicos, que estimulavam a economia local na produção de bens manufaturados e importavam produtos alimentares (algodão, café, açúcar, carne, entre outros). Este período segundo o autor, ficou conhecido como uma onda expansiva imperialista, com exportação de capitais, como forma de garantir a disponibilidade de matérias-primas e gêneros alimentícios baratos.

É evidente que as mudanças de hábitos de consumo provoquem um processo de evolução que transcende a esfera local, não apenas pela necessidade de maior encadeamento produtivo, mas também pela identificação dos fatores geradores desse crescimento permitindo adoção de políticas que favoreçam maior competitividade no cenário internacional, com setores comerciais ligados a indústria e a agricultura, formando o complexo agroindustrial.

O crescimento urbano-industrial e das agroindústrias, nas décadas de 20 e 30, marca o ponto de inflexão na evolução do sistema agroalimentar que vai dar origem ao segundo regime alimentar, também chamado de regime alimentar intensivo, que se estende até o final da década de 60, e tem como principal fator de inflexão a crise da economia internacional dos anos 70.

O segundo regime alimentar sugerido por Marsden (1999), vai até os anos 70, marcado pelo regime fordista de acumulação, trazendo mudanças significativas quanto ao uso final dos produtos agrícolas, sob nova ótica, tal qual como insumo industrial para as indústrias de alimentos processados. Assim, a era fordista, se consolida através dos grandes complexos

de produção de alimentos, ocorrendo grandes investimentos de empresas multinacionais, integrando o comércio inter-regional e internacional, marcando o segundo regime alimentar.

O terceiro regime alimentar, está pautado no fim do sistema de acumulação fordista, e tendo como determinante as empresas transnacionais com a constituição e criação de novos canais de produção agrícolas e consumo de alimentos, orientadas para atender a mercados específicos como o de frutas.

A rigor, os regimes alimentares identificados, assim como as categorias “fordismo” e “pós-fordismo”, devem ser considerados como “tipos ideais”, pois a realidade empírica revela que em cada período histórico coexiste uma variedade de sistemas alimentares. Quando se considera o segundo e terceiro regimes alimentares, por exemplo, observa-se uma dinâmica de transição que apresenta, ao mesmo tempo, problemas de continuidades e contradições, sem que represente, necessariamente, uma ruptura. Como argumenta Marsden (1999, p.32), citados por Gama (2001, p.23):

“Embora regimes específicos sejam individualmente derivados e referidos a períodos históricos particulares, a noção geral de um regime internacional de alimentos é mais uma construção teórica do que uma categoria empírica. Ela é útil como uma estrutura heurística, para classificar experiências históricas amplas e direcionar pesquisas para períodos críticos e agentes de transformação”.

Esta evolução do sistema agroalimentar no tempo, tem decorrido basicamente de fatores econômicos e de políticas públicas direcionadas para atender as mudanças de comportamento alimentar a partir das corporações varejistas no âmbito internacional.

2.3. Características do segmento frutícola

O segmento agroalimentar de frutas apresenta dois subsistemas distintos, o agroindustrial de transformação cujos produtos finais levados aos consumidores são derivados processados, relativamente duradouros, como, por exemplo, sucos de frutas concentrados, polpas de tomate, entre outros. O outro subsistema se refere ao segmento de beneficiamento (packing house), na preservação e integridade dos produtos de breve longevidade, a serem levados aos consumidores na sua forma in natura. Daí porque Fernandes (1998), analisando a cadeia produtiva da fruticultura, denomina este subsistema de agrocomercial para diferenciar do primeiro, o subsistema agroindustrial, onde se comercializa e consome, na ponta da cadeia, produtos industrializados. São subsistemas distintos que nem sempre interagem entre si, pois, para um produto da mesma espécie, são exigidas variedades com características próprias,

adequadas às operações e finalidades a que se destinam. Por exemplo, as variedades de uva de mesa destinada ao consumo in natura não são as mesmas destinadas à produção de vinho e, normalmente, não se prestam para esse fim.

Para Friedland (1994), o segmento agroalimentar está diretamente relacionado a um processo integrado que envolve todas as esferas da cadeia produtiva visando satisfazer os diferentes mercados nas variedades e características dos produtos.

Uma das principais características do sistema agroalimentar de frutas são, o padrão utilizados na produção, distribuição e nos serviços que se agregam ao produto. Para Bonanno (1999), as frutas são padronizadas de acordo com o tamanho, cor, forma e outras variáveis, que independentemente de sua origem, mantenha a uniformidade desejada.

O segmento frutícola no Nordeste brasileiro é capaz de produzir mais de duas safras por ano, e se diferencia pelas condições climáticas, uma vez que, a qualidade dos produtos comercializados no Brasil e no exterior é semelhante. Portanto, uma das razões para tornarmos o setor ainda mais competitivo é a busca por um padrão de qualidade que atenda e satisfaça as exigências dos mercados em geral.

Importante ressaltar, que apesar de nosso diferencial quanto à insolação e água para irrigação em proporção abundante, ainda temos muitas barreiras a serem resolvidas no que tange a um maior acesso dos produtores aos serviços e políticas públicas na região do SMSF. Embora, maior parte da produção de frutas no Brasil seja direcionada para o mercado interno, algumas regiões como a do SMSF, têm concentrado esforços para integrar cada vez mais o circuito mundial que tem crescido em média 5% ao ano, Conforme Gayet (1999).

Por sua vez, vale lembrar que o Brasil, China e Índia são os maiores produtores de frutas mundiais, tendo como principal destino das exportações, os países localizados na América do Norte. Novos mercados como Europa e Ásia tem se apresentado como um destino em ascensão. Nossas exportações de frutas são ínfimas com relação ao que produzimos e também a outros países, num segmento que cresce e movimenta valores superiores a 20 bilhões de dólares, com uma produção que alcança 35 milhões de toneladas por ano.

Tanto o clima como a localização geográfica do pólo frutícola de Petrolina-Pe/Juazeiro-Ba, tem chamado a atenção de produtores de outras regiões, pela organização dos agentes privados e a eficiência dos arranjos e processos produtivos introduzidos na região. As peculiaridades encontradas na região do SMSF, com a produção de mais de duas safras por ano, possibilita aos produtores, janelas de mercado na comercialização de frutas de contrasteção. A variedade de frutas, não condizentes com a estação, produzidas o ano todo como a

banana, manga, lima, papaia, abacaxi, maracujá, coco, goiaba, acerola entre outras, no polo Petrolina –PE / Juazeiro-BA, diferencia a região de outros mercados produtores.

Para Gayet (1999), a comercialização de frutas tropicais no mercado internacional é inexpressiva, exceto a banana, representando em torno de 5% do comércio mundial, no mais, boa parte dos países produtores tem nos seus produtos de exportação aqueles que apresentam maior competitividade no cenário global, como na região do SMSF temos a manga e a uva.

2.4. Determinantes da evolução do comércio internacional de frutas

Alguns determinantes da evolução do segmento frutícola, no mercado internacional segundo a Organisation for Economic Co-operation and Development (1996), decorreram principalmente de: a) os esforços dos países em desenvolvimento para ampliar os saldos de exportação; b) a tendência geral para a liberalização de comércio internacional; c) os incentivos para diversificação da produção nos países desenvolvidos, devido à reforma das políticas agrícolas, e o declínio do apoio governamental para os produtos tradicionais; d) o progresso técnico no armazenamento e transporte das frutas frescas, e e) o mercado precoce ou tardio de frutas.

Para Friedland (1994) a globalização do sistema alimentar está caracterizada em 04 (quatro) esferas que estão ligados ao processo evolutivo da cadeia agroalimentar tais como: a) o desenvolvimento da produção fora de temporada; b) a criação de uma clientela massiva que consome produtos frescos; c) a criação de nichos de mercados que correspondem tanto à diferenciação dos produtos existentes, como a outros novos produtos, entre eles os “tropicais” ou “exóticos” e d) a busca de valor agregado, em particular, em nível dos varejistas.

Importante enfatizar, que alguns fatores justificam o crescimento do segmento frutícola, como o aumento da renda dos trabalhadores e o crescimento da economia mundial com mudanças de comportamento no perfil do consumidor, que busca melhor qualidade de vida consumindo produtos saudáveis (Goodman & Redclift, 1991; Goodman, 1999).

Os países que tem investido em pesquisas e arranjos produtivos têm obtido bons resultados no tocante a produção e comercialização de seus produtos em diferentes épocas do ano. Acrescente-se que a região do SMSF, apresenta estas características, empreendendo estudos que assegure maior variedade e formas de desenvolvimento técnico, permitindo acelerar ou reduzir o processo de maturação, embalagens e melhoria no sistema de transporte.

2.5. O mercado e consumo de frutas

O mercado e consumo de frutas, tem proporcionado crescimento e fortalecimento do segmento frutícola no mundo todo. Este desenvolvimento está associado à geração de emprego e renda dos países importadores. Outro fator relevante decorreu dos setores varejistas no mercado de frutas e a importante participação dos supermercados na evolução do segmento frutícola. Atuando na comercialização de diferentes tipos de consumidores, sobretudo, aqueles que buscam produtos com elevada qualidade nutricional, e compatível com seu estilo de vida segundo Friedland, (1994).

A dinâmica do segmento frutícola durante a década de noventa, no comércio internacional de frutas advém de um conjunto de transformações com impacto direto em toda cadeia de abastecimento, da produção ao consumo. A presença de grandes empresas no segmento varejista, tem como objetivo, atender às exigências dos consumidores com maior regulação nos mercados de consumo e da produção. Todavia, este novo momento remete a importância de arranjos onde, agentes públicos e privados definam as políticas públicas a serem aplicadas.

Faz-se necessário ressaltar, a mudança de paradigma relativa à globalização, que apresenta papel fundamental das corporações transnacionais no crescimento e desenvolvimento do setor frutícola, dado a menor participação do estado na formulação de políticas de regulação e inserção no mercado global (Bonanno, 1994; Furtado, 1998).

Segundo Marsden *et al.* (2000), na década passada ocorreu um movimento no segmento agroalimentar, voltado para atender as necessidades da iniciativa privada na busca de regulação que atendesse as demandas das corporações. Este movimento se referia a competitividade no mercado, maior valor agregado aos produtos sem a efetividade do estado, estimulando assim, o desenvolvimento de novas formas de regulação sob o comando dos agentes privados através das corporações que atuam no mercado varejista conforme Graziano da Silva, (1998).

Isto, porém, não significou a exclusão do Estado da esfera da regulação. A menor participação do Estado no processo de regulação implica na desigualdade de condição no que concerne aos menos organizados, que nem sempre se faz representar. Para Bonanno (1999), quanto menor a atuação do Estado, maior as disparidades e, centralização das ações pelas grandes empresas varejistas tornando o mercado extremamente oligopolizado.

Essa realidade é um pouco mais acentuada nos países em desenvolvimento em função da menor participação do Estado e do baixo nível de organização da sociedade civil,

ocorrendo ineficiência no instrumento público de regulação econômica e social. Conforme Bonanno *et al.* (1999), no plano econômico são as grandes redes empresariais que assumem a coordenação e centralização destes mercados, como ocorre na Argentina e no Chile com as frutas, e do suco concentrado de laranja no Brasil.

2.6. Os países emergentes e sua participação no comércio global de frutas

O Brasil nas últimas duas décadas, assiste ao crescimento e profissionalização do segmento frutícola, destinados aos mercados nacional e internacional. O crescimento dos complexos gera oportunidades produtivas a regiões e países em desenvolvimento, possibilitando que estes interajam com o mercado globalizado de frutas. A expansão das cadeias produtivas, dos sistemas de transportes, a evolução do estilo de vida e as mudanças no perfil do consumidor, entre outros fatores, favoreceram o desenvolvimento dos mercados de frutas frescas de contra-estação, tropicais e exóticas, para atender às demandas dos consumidores nos países desenvolvidos. A criação desses novos mercados ocorre com a integração de novas regiões produtivas garantindo o abastecimento desses produtos durante o ano inteiro naqueles países.

Segundo Gama (2001), atualmente, dentre os países em desenvolvimento que participam do mercado internacional de frutas frescas, o Chile é o que apresenta melhor desempenho. Algumas regiões da Argentina, do Brasil e de outros países do hemisfério Sul (Austrália, Nova Zelândia, África do Sul) participam desse circuito e disputam os três principais mercados consumidores (Estados Unidos, Europa e Japão). Em todas essas regiões, o negócio da fruticultura se caracteriza pelos elevados investimentos realizados em plantações, centrais e plantas processadoras de frutas, meios de transporte, etc.

O dinamismo no segmento frutícola e sua expansão, quanto às exportações nessas regiões está diretamente associado ao fato dos agentes privados terem realizado investimentos em infra-estrutura, promovendo a modernização do setor, para atender as exigências dos países da América do Norte. Segundo Cavalcanti (1995), os países da América do Sul tornam-se importantes fornecedores de frutas pela qualidade e diversidade para os países do Norte.

Para manter-se neste mercado competitivo, são necessários que se apresentem produtos de qualidade, procedimentos fitossanitários adequados aos padrões internacionais e selo de origem, como aqueles adotados no pólo Petrolina - PE/ Juazeiro – BA.

Atualmente o Brasil ocupa o terceiro lugar em produção de frutas no mundo, sendo sua participação no mercado de exportações considerada inexpressiva, demonstrando a necessidade de esforço conjunto, das organizações inseridas na cadeia produtiva como estratégia para melhorar a participação do país no mercado de exportações.

O processo de expansão do complexo de frutas retrata mercados fortemente oligopolizados, coordenados por grandes empresas, onde estas, diretamente ou por mecanismos contratuais, passam a dominar a esfera da distribuição e da produção agrícola. Destarte, que os países emergentes com potencial em regiões que produzam frutas visando o mercado exterior, devem estar integrados aos setores públicos e privados, na construção de processos produtivos, que atendam as exigências do mercado internacional. Os complexos frutícolas voltados para exportações de frutas, dotaram de novos elementos tecnológicos, associando sistemas e arranjos produtivos inovadores.

Vale lembrar que a dinâmica dos complexos produtivos não está associado a um padrão, mas a fatores peculiares de cada região ou país. A forma como estão organizados e integrados em suas estruturas institucionais público e privado, devem priorizar um modelo que atendam aos objetivos de toda cadeia agroalimentar, orientado para o mercado global. Para Bendine & Pescio (1997), é importante que cada região produtora, crie sua estratégia de inserção no mercado internacional, em conformidade com a dinâmica e a especificidade produtiva. A busca por este mercado, deve ocorrer pela junção de vários fatores que contemplem padrões produtivos e tecnológicos, em consonância com o que determina o mercado.

EVOLUÇÃO DA FRUTICULTURA NO SUBMÉDIO SÃO FRANCISCO (SMSF)

A fruticultura irrigada na região do Submédio São Francisco (SMSF) apresentou uma grande evolução, sobretudo no pólo Petrolina - PE/ Juazeiro – BA, nos últimos dez anos. Há de se ressaltar que diversos fatores contribuíram para solidez do pólo frutícola da região. O objetivo deste capítulo é retratar a dinâmica do pólo de fruticultura irrigada de Petrolina - PE/ Juazeiro – BA, e os fatores que proporcionaram sua evolução.

3.1. . As fases de evolução no segmento frutícola no SMSF (1950–1975)

Esta seção apresenta os fatos que determinam à evolução da fruticultura, identificando os principais pontos de inflexão. Nos períodos identificados, caracterizam-se os elementos precursores, desencadeadores e aceleradores do processo de evolução da fruticultura, tendo como objetivo as principais transformações que vem passando a região do SMSF, nas últimas duas décadas.

Segundo Andrade, (1980), a atividade econômica preponderante na região do SMSF, sempre esteve ligada a pecuária, e a agricultura ocupava pequenas áreas, visando o abastecimento da população da região, as margens do rio São Francisco e de seus afluentes. As frutas predominantes eram aquelas de estação, como banana, laranja, limão, manga, entre outras produzidas sem o uso da irrigação.

Segundo Possídio, (1997), (Apud Gama, 2001), a partir dos anos 50, com a instalação da Usina de Paulo Afonso pela CHESF (Companhia Hidrelétrica do São Francisco), criaram-se grandes expectativas, quanto à agricultura na região, pela generalização das eletrobombas. Com o acesso as eletrobombas, promoveram-se o crescimento das áreas irrigadas, através de canais as margens do rio São Francisco, instaladas nos perímetros entre Petrolina-PE e Paulo Afonso-BA.

Apesar do alto potencial que a região apresentava para a produção de alimentos e de produtos considerados nobres, como a uva, antes da década de cinqüenta as condições para ampliação do excedente local eram limitadas. Havia carência de infra-estrutura de transporte, energia, estudos de viabilidade técnica e econômica para a prática da irrigação, em especial a pesquisa agronômica.

Segundo Oliveira (1991), só em meados dos anos cinqüenta as autoridades governamentais passam a ter noção definitiva acerca das potencialidades econômicas do SMSF, e passam a investir, de forma permanente, tanto na infra-estrutura econômica da região como em projetos públicos de irrigação. A infra-estrutura básica amplia-se significativamente, especialmente nos setores de transporte, comunicação e energia. Entre os marcos que firmaram o início das ações do Estado na região, salienta-se a criação da Companhia Hidroelétrica do São Francisco (CHESF), em outubro de 1945, e a constituição da Comissão do Vale do São Francisco (CVSF), em dezembro de 1948.

Segundo Gama, (2001), o segmento frutícola passou a ter maior atenção do poder público através dos investimentos em infra-estrutura, pesquisa e arranjos produtivos como forma de desenvolver a região, num espaço de planejamento devidamente adequado a produção das mais diversas culturas, sob bases irrigadas, naquela oportunidade comandada pela CVSF e a SUDENE.

A participação brasileira no mercado de frutas aumenta no segundo semestre para as principais frutas de exportação. No geral as regiões produtoras de frutas entre elas a do SMSF, tem como principais concorrentes o México, para o mercado Norte Americano, e a África do Sul, para o europeu. O Chile afeta a concorrência brasileira em particular, da uva, junto com a Itália e a África do Sul. Já a safra da Espanha influencia as exportações de melão e laranja. Para o caso dos cítricos, a Espanha domina o mercado europeu de novembro a maio, reduzindo as oportunidades brasileiras, que se concentram somente na entressafra espanhola, para as laranjas e as tangerinas.

É preciso também obter melhores informações a respeito de custos de produção, acordos comerciais, legislação e variedades dos países concorrentes, para avaliar a real competitividade do produto brasileiro, enfatizando as principais janelas de mercado dos países produtores do hemisfério Norte.

Para aproveitar cada vez mais o crescimento do consumo mundial de frutas, muitos entraves internos e externos devem ser superados. O aumento de eficiência na exportação brasileira deve acontecer em todos os níveis, começando por um controle fitossanitário mais rígido, e na produção de novas variedades que atendam à demanda externa, com melhor gerenciamento comercial tanto no Brasil quanto no exterior.

3.1.1. A constituição do pólo de fruticultura irrigada no SMSF (1975-1996)

Com os investimentos públicos em irrigação na região do submédio São Francisco, sobretudo nas áreas de transporte, energia, infra-estrutura urbana, ampliou-se o transporte de cargas e passageiros, entre a região e os principais mercados tanto do Nordeste, como do sudeste. Nesse contexto, as cidades de Petrolina-PE e Juazeiro-BA foram beneficiadas, por sua posição geográfica e estarem no entroncamento de várias estradas que ligam os estados do Nordeste.

O investimento realizado pelo governo federal na região, teve seu efeito multiplicador, no tocante à irrigação pública, a partir de estudos de viabilidade técnica e econômica com a construção dos dois projetos-piloto de irrigação, Mandacaru e Bebedouro.

Destarte, porém, que os projetos de irrigação foram decisivos para expandir e mobilizar a região, principalmente com a criação da Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco (CODEVASF), no ano de 1974, em substituição a SUVALE. Sua localização estratégica tinha um enorme potencial de desenvolvimento regional, CODEVASF (1991).

É a partir dessa premissa, que outros perímetros públicos de irrigação são criados no SMSF, no entorno de Petrolina-PE e Juazeiro-BA, conforme tabela 1.

Tabela 1.
Projetos públicos de irrigação no Submédio São Francisco.

PROJETOS DE IRRIGAÇÃO	LOCALIZAÇÃO	ANO DE IMPLANTAÇÃO	INÍCIO DE OPERAÇÃO	ÁREA IMPLANTADA (ha)
Bebedouro I	Petrolina-PE	1968	1968	1.060
Bebedouro II	Petrolina-PE	1972-73	1977	576
Mandacaru	Juazeiro-BA	1971-72	1971	376
Maniçoba	Juazeiro-BA	1975-81	1980	4.197
Curaçá	Juazeiro-BA	1975-79	1982	4.165
Tourão	Juazeiro-BA	1977-79	1979	10.548
Nilo Coelho	Petrolina-PE	1979-84	1984	13.146
Maria Tereza	Petrolina-PE	1994-96	1996	7.165
Pontal	Petrolina-PE	2003-05	2005	8.680

Fonte: CODEVASF (2006).

Como os perímetros irrigados Maria Tereza e Pontal, e aqueles já constituídos, eram necessárias ações que proporcionassem maior inserção, quanto ao acesso, processos e técnicas modernas que levassem o setor a condições de captar recursos e atrair grandes empresas através dos programas de irrigação comandados pela CODEVASF.

Segundo Gama, (2001), destaca-se o papel exercido pelo BNB e pela SUDENE, que criaram, a partir de 1974, o Programa de Desenvolvimento da Agroindústria do Nordeste,

com o objetivo de atrair capital do Centro-Sul para realizar inversões na região, como Agrovale e Cicanorte, de açúcar e polpa de tomate, respectivamente.

Foi relevante a ação do Estado no sentido de estruturar a região no tocante ao conjunto de instituições públicas de planejamento, pesquisa e fomento ligadas à agricultura e ao desenvolvimento regional. Além da criação da CODEVASF, a instalação do Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Semi-Árido (CPATSA), da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), abre novas perspectivas para a consolidação do novo padrão de desenvolvimento da região, Oliveira (1991).

Num contexto em que prevalecia a idéia da constituição do pólo agro-industrial, o desenvolvimento da fruticultura para o mercado “in natura”, foi, de certa forma, ofuscado nos planos de desenvolvimento conduzidos pelo Estado.

É preciso considerar que as ações constantes nos Planos Diretores da SUDENE ou decorrentes dos Planos Nacionais de Desenvolvimento (PNDs) tiveram grande importância para o desenvolvimento da irrigação no Submédio São Francisco, SUDENE (1995).

Conforme Gama, (2001), as ações da SUDENE, BNB, CODEVASF, EMBRAPA e de outros órgãos públicos envolveram a dotação de infra-estrutura, a concessão de incentivos fiscais e financeiros para a iniciativa privada, além de estudos, pesquisas e apoio técnico que foram essenciais para o desenvolvimento da agricultura irrigada e, por conseguinte, da fruticultura.

A atividade produtiva do SMSF passou por profundas transformações, assim como a economia local, pela dinâmica da agricultura irrigada e a pouca importância dada naquele momento às atividades agropecuárias tradicionais.

Seguindo ao processo de modernização da agricultura a nível nacional pelas políticas públicas de irrigação no SMSF adotadas, expandiu-se e alterou profundamente a dinâmica agrícola desta região. A agricultura irrigada passou rapidamente por um processo de expansão e diversificação, com culturas de elevado valor comercial ou de processamento industrial (cebola, melão, melancia, tomate e frutas) e a incorporação de um elevado padrão de tecnologia. Ou seja, as mudanças na composição dos produtos cultivados e na base técnica da agricultura provocaram grandes transformações na economia da região.

A combinação dos programas de irrigação e de desenvolvimento regional, aliada às políticas públicas, nacional e/ou regional, marcou o início da estruturação de um complexo na região que iria se consolidar nos anos 80, com a expansão do pólo de fruticultura irrigada Petrolina - PE/ Juazeiro – BA.

3.1.2. A produção de frutas para o mercado internacional do pólo Petrolina - PE/ Juazeiro - BA (1985-2000)

As empresas que se instalaram na região, em meados dos anos 80, foram determinantes para evolução do setor frutícola no pólo Petrolina - PE/ Juazeiro - BA. Com os incentivos financeiros e fiscais do FINOR, por intermédio do BNB e da SUDENE, grupos empresariais adquiriram grandes extensões de terras nas proximidades do rio São Francisco ou nas áreas disponibilizadas pela CODEVASF que eram destinadas às empresas, dentro dos perímetros públicos.

Dentre as culturas produzidas, duas despertaram interesses das empresas, principalmente, pela possibilidade de exportação: a manga e a uva. O suporte tecnológico oferecido pelo Centro de Pesquisa da EMBRAPA - o CPATSA - foi decisivo, pois ofereceu às empresas as informações sobre variedades, manejo das culturas nas condições de cultivo irrigado em clima semi-árido, com base técnica científica, como turno de rega das culturas, níveis de adubação, e a quebra da dormência na videira.

A partir de 1987, dar-se os primeiros passos visando o mercado de exportação de frutas, através das grandes empresas, que viram oportunidades e, que necessitavam de maior organização, por parte dos produtores para tornarem-se competitivos, originando na criação da VALEXPORT.

A Valexport passou a estabelecer as relações com as redes de recebedores integradas nas cadeias mundiais de distribuição de frutas, fazendo o elo entre os grandes produtores da região e o mercado externo. Essa associação de produtores desempenhou, e ainda desempenha um papel-chave na organização e consolidação das atividades de exportação de frutas da região.

Em função da produção de frutas voltada para o mercado externo, foi montada na região, toda uma infra-estrutura física e de apoio à comercialização, especialmente da cadeia de frios, que envolve a estruturação de packing house. O aumento da capacidade de resfriamento e de armazenamento nas empresas e cooperativas, e a melhoria da estrutura portuária, entre outros investimentos realizados foram determinantes para impulsionar o segmento frutícola da região.

Merecem destaque as culturas destinadas à exportação (manga e uva), que já em 1987, despontavam entre as principais fruteiras cultivadas, com destaque para a primeira, que tomaria um grande impulso na região.

A competição com os países produtores do hemisfério Norte no comércio de frutas faz o Brasil vislumbrar melhores oportunidades em algumas janelas de mercado, apesar do seu potencial para abastecer o mercado internacional praticamente o ano inteiro. A entrada do produto brasileiro em janelas fixas, mesmo sem a presença de outros países exportadores, representa um obstáculo ao ganho dos produtores/exportadores que passam a competir entre si por um mesmo mercado que se torna saturado pelo produto nacional.

A negociação com os países importadores tem sido dificultada pelas exigências impostas pelos mesmos, sobretudo pelos Estados Unidos, onde barreiras fitossanitárias inviabilizam o envio da maioria das frutas da pauta de exportação do Brasil. Para aproveitar cada vez mais o crescimento do consumo mundial de frutas, muitos entraves internos e externos devem ser superados.

A melhoria da eficiência nas exportações brasileira deve acontecer em todos os níveis, começando por um controle fitossanitário mais rígido na produção, introdução de novas variedades, melhor gerenciamento comercial, tanto no Brasil quanto no exterior.

Observa-se, portanto, na Tabela 2, a evolução da área colhida, em hectares, das principais culturas irrigadas no pólo Petrolina - PE/ Juazeiro - BA - 1980-1995. Com exceção das culturas do arroz e do tomate, todas as demais tiveram suas áreas ampliadas, especialmente as frutas, que despontam na região e tomam um grande impulso nesse período.

Para Gama (1999), o caminho das exportações no período de 1987 a 1994 decorreu, sobretudo, em função da instabilidade econômica e a desvalorização do real frente ao dólar, apresentando o mercado interno menos atrativo. Porém, o mercado externo mostrava-se mais lucrativo, dado os incentivos promovidos pelo Governo e à desvalorização da moeda nacional, favorecendo as exportações do pólo de fruticultura irrigada Petrolina-PE / Juazeiro-BA.

Segundo Gama (1999), a política monetária de controle cambial adotada no Brasil com o Plano Real em 1994, repercutiram negativamente nas exportações dos principais produtos da região. O ano de 1995 foi marcado por uma brusca redução nos volumes exportados de manga e uva (Tabela 3.). No caso específico da manga, já houve uma retomada na trajetória de crescimento das exportações logo no ano seguinte, de forma que em 1996, a região já respondia por 87,2% das exportações brasileiras e, aproximadamente, 7,0 % das exportações mundiais. A partir de então, a manga teve um bom desempenho no mercado externo com crescimento constante do volume exportado.

Tabela 2.
Evolução da área colhida, em hectares, das principais culturas irrigadas no pólo Petrolina - PE/ Juazeiro - BA - 1980-1995.

CULTURAS	ÁREA COLHIDA (ha.)		
	1980	1985	1995
Arroz	1.877	5.673	1.639
Cana	104	6.317	11.081
Cebola	6.288	4.370	5.245
Melancia	-	2.007	4.950
Melão	-	686	2.613
Tomate	1.245	7.251	5.002
Uva	57	398	2.400
Manga	8	49	4.416
Banana	52	329	3.262
Goiaba	-	1	516
Coco	93	86	695
Acerola	-	-	571
Pinha	-	14	14
Maracujá	-	36	373
Limão	-	69	282
Laranja	4	11	24

Fonte: IBGE/Censos Agropecuários 1980, 1985 e 1995-96.

Comportamento diferente teve as exportações de uva, cujo volume decresceu a partir de 1994, depois de alcançar um volume recorde. Vale ressaltar que esta redução da exportação ocorre, simultaneamente, com a expansão das importações brasileira de uva, principalmente, as de origem chilena, cujo volume aumentou de 15,6 mil toneladas, em 1995, para 61,7 mil toneladas, em 1996.

Tabela 3.
Exportações de frutas do pólo Petrolina - PE/ Juazeiro - BA - 1991-2000

ANO	VOLUME DE EXPORTAÇÃO (em toneladas)	
	Manga	Uva
1991	3.300	1.050
1992	9.000	5.000
1993	13.000	10.000
1994	15.000	10.000
1995	12.000	6.000
1996	17.000	4.500
1997	21.500	3.700
1998	34.000	4.300
1999	44.000	10.250
2000	57.200	13.300

Fonte: Gama, 2001

Com o advento do Plano Real e a adoção da paridade cambial, as exportações ficaram menos atrativas, aquecendo desta forma o mercado interno de frutas apresentando preços compatíveis aos do mercado externo.

Comportamento das exportações e importações frente ao crescimento constante da produção de frutas frescas no pólo Petrolina - PE/ Juazeiro - BA, demonstra o potencial de mercado que se abre à região para produção de frutas visando o mercado externo, principalmente, as frutas tropicais, como ocorre com a cultura da manga, cujo mercado tem

crescido e parece promissor e, por outro lado, evidencia a grande dimensão do mercado interno que pode contrabalançar o decréscimo dos níveis de exportação da uva, por exemplo, e incorporar outros tipos de frutas.

Com o surgimento de uma nova classe produtora, bastante seletiva e formada por empresários e produtores profissionalizados, estabeleceu-se na região uma frente ampla de atuação para aquisição de terra, recrutamento de mão-de-obra, organização e direção da produção na formulação das políticas públicas para o setor.

Vale ressaltar que a instalação de grandes empresas de produção de frutas para exportação promoveu um novo tempo na formação de um mercado competitivo e estruturado, atraindo empresários e produtores de outras regiões. Desta feita, a fruticultura esteve formada por empresas e produtores munidos de estruturas de organização, das quais a Cooperativa Cotia e a Valexport são bons exemplos - com estratégias empresarial e comercial, bem definidas.

3.1.3. A consolidação do pólo de fruticultura do SMSF (1995-2006)

Na região do Submédio São Francisco, dos 100 mil hectares irrigados cultivados, no ano de 1999, segundo dados da CODEVASF (1999) e do BRASIL (2000), quase a metade da área (49,5 mil hectares) estava ocupada com fruticultura, onde se destacavam as culturas de manga, uva, banana, coco, goiaba, acerola, entre outras, menos significativas como pinha, maracujá, papaia e limão, perfazendo um volume aproximado de produção de 926,6 mil toneladas anuais de frutas.

O caso do perímetro irrigado Senador Nilo Coelho, o mais importante perímetro público do Pólo, que detém mais de 60% da área destinada aos colonos de todos os perímetros públicos localizados no pólo Petrolina - PE/ Juazeiro - BA, é bem ilustrativo do processo de reestruturação produtiva calcado na fruticultura. O crescimento da fruticultura no período 1991-97 nos sete perímetros públicos de irrigação localizados no pólo Petrolina - PE/ Juazeiro - BA, foi analisado por Marinoszi & Correia (1999), (Apud Gama, 2001), que mostram que nesses seis anos as áreas exploradas com fruticultura passaram de 14% para 47% das áreas irrigáveis totais. Demonstram, ainda, que, enquanto as áreas com fruticultura das empresas duplicaram nesse período, no caso dos colonos, multiplicaram por cinco. Em 2000, as áreas exploradas com fruticultura pelos colonos, dos sete perímetros públicos localizados no pólo, eram de 13.594,7 hectares, contra 7.7752,7 hectares das empresas conforme Tabela 4.

Ressalte-se, que o crescimento e desenvolvimento do segmento frutícola na região do SMSF, estimulou e diversificou as várias modalidades de crédito, impulsionado pelos bons resultados obtidos na produção e comercialização das safras. Os financiamentos bancários viabilizados pelo Banco Nordeste e Banco do Brasil, por meio das diversas fontes de financiamento, que incluem recursos do Fundo Constitucional de Desenvolvimento do Nordeste (FNE), do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT), e do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), entre outros, foram um dos principais responsáveis pela expansão da fruticultura na região.

Contudo, observa-se na Tabela 5, demonstrativo das exportações de frutas frescas dos anos de 2005/2006, que os principais itens de produtos destinados ao mercado global tiveram expressivo crescimento.

Esta evolução denota o nível de competitividade em que foi construída uma estrutura produtiva eficiente para se obterem produtos finais com as características satisfatórias de cor, tamanho, consistência e sabor, que atendem as exigências do mercado internacional.

Por sua vez, dadas às características efetivas, competitivas e comparativas com relação a outros mercados, também produzimos outras culturas e é através da uva e da manga, que encontramos melhor e maior desempenho de crescimento do segmento frutícola do Sub-Médio São Francisco.

Tabela 4.
Culturas e áreas cultivadas, em hectares, por colonos e empresários nos perímetros irrigados do pôlo Petrolina - PE/ Juazeiro - BA - 2000.

Culturas	Total		Mandacaru		Manicoba		Tourão		Curaçá		Niló Coelho		Maria Teresa		Bebedouro***		
	Colono	Empresa	Colono	Emp	Colono	Emp	Colono	Emp	Colono	Emp	Colono	Emp	Colono	Emp	Colono	Emp	
ANUAIS																	
Cebola	345,6	135,7	109,2	0	50,1	7,7	147,7	111,6	17,3	0	15,6	14,7	5,7	1,7	0	0	0
Feijão	520,3	109,3	35,1	0	78,8	64,0	14,7	19,8	215,2	0	116,5	20,0	60,0	5,5	0	0	0
Melancia	837,6	74,4	0	0	82,2	60,0	0	0,5	672,5	6,0	0	0	75,9	7,9	7,0	0	0
Melão	133,1	80,0	79,1	0	2,7	2,3	39,7	71,6	11,6	0	0	0	0	6,1	0	0	0
Tomate	293,5	325,5	181,2	0	0	0	43,4	79,7	0	147,5	0	0	68,9	98,3	0	0	0
Outras	213,1	218,2	14,8	0	3,3	0	0	15,7	10,3	80,0	46,7	37,0	138,0	85,5	0	0	0
Subtotal	2.343,2	943,1	419,4	0	217,1	134,0	245,5	298,9	926,9	233,5	178,8	71,7	348,5	205,0	7,0	0	0
PERENES																	
Banana	3.541,1	266,4	1,1	0	54,8	23,6	23,60	30,4	11,3	0	2.663,6	192,7	760,7	19,7	26,0	0	0
Coco	3.510,9	704,5	34,7	0	435,9	126,3	17,4	78,4	631,9	38,9	2.022,4	390,1	335,6	60,8	33,0	10,0	10,0
Goiaba	2.611,2	494,6	43,1	0	404,1	128,1	19,3	43,5	115,1	2,0	1.674,8	162,5	256,8	16,5	98,0	142,0	
Manga	2.928,8	5135,0	78,8	0	549,7	824,9	24,4	489,8	362,7	1.008,7	1748,3	2.766,7	98,9	38,9	66,0	6,0	
Uva	1.002,7	1152,4	0	0	1,9	111,0	0	59,6	27,7	372,0	622,2	525,8	29,9	75,0	321,0	9,0	
Outras	1.068,9	11.538,8	7,6	0	174,6	1.233,4	6,5	9.790,7	83,3	71,5	735,1	384,3	61,8	58,9	0	0	0
Subtotal	14.663,6	19.291,7	165,3	0	1621,0	2.447,3	91,2	10.492,4	1232,0	1.493,1	9.466,4	4.422,1	1543,7	269,8	544,0	167,0	
TOTAL	17.006,8	20.234,8	584,7	0	1838,1	2.581,3	336,7	10.791,3	2158,9	1.726,6	9.645,2	4.493,8	1892,2	474,8	551,0	167,0	

Fonte: SECEX/DATAFRUTA-IBRAF, 2000.

TABELA 5.

FRUTAS	COMPARATIVO DAS EXPORTAÇÕES DE FRUTAS FRESCAS - 2006/2005					
	Variação 2006/2005		2006		2005	
	Valor (%)	Volume (%)	Valor (US\$ FOB)	Volume (Kg)	Valor (US\$ FOB)	Volume (Kg)
Uvas	10,40	21,55	118.432.471	62.250.936	107.276.014	51.212.801
Melões	-3,54	-3,90	88.238.499	172.809.173	91.478.533	179.830.630
Mangas	18,42	0,78	85.861.554	114.576.533	72.507.946	113.687.782
Bananas	16,45	-8,41	38.460.316	194.330.781	33.027.258	212.175.990
Limão	25,13	16,23	32.910.115	51.439.911	26.300.078	44.258.172
Maçãs	-30,27	-42,47	31.915.566	57.146.516	45.770.954	99.332.295
Papaias	-1,99	-16,21	30.028.818	32.475.482	30.637.933	38.756.528
Laranjas	83,95	63,58	16.469.345	50.139.465	8.953.228	30.652.137
Melancias	40,46	34,63	9.718.105	30.333.092	6.918.912	22.531.371
Abacaxis	18,73	15,53	7.238.564	22.678.321	6.096.596	19.630.130
Tangerinas	-9,08	-14,13	5.687.750	10.711.949	6.255.576	12.474.769
Figos	28,79	4,54	2.852.789	875.024	2.215.121	837.029
Abacates	318,37	128,01	1.589.121	1.426.093	379.833	625.464
Outras Frutas Frescas	66,86	18,09	1.465.835	994.578	878.497	842.199
Framboesas/ Amoras	73,92	-3,44	738.199	60.704	424.452	62.867
Outros Cítricos	-0,19	2,24	454.390	20.461	455.275	20.013
Goiabas	48,42	-4,64	190.592	117.435	128.412	123.154
Cocos	-28,12	-49,96	135.617	238.007	188.671	475.647
Airelas e Mirtilos	40,09	049	71.965	6.361	51.370	6.330
Morangos	-60,34	-63,11	59.899	18.456	151.017	50.032
Pêras	5.498,04	5.045,00	42.825	20.580	765	400
Kiwis	-74,83	-72,57	1.386	2.680	5.506	9.771
Ameixas	539,53	3.233,33	275	200	43	6
Groselhas	4,52	-18,18	162	108	155	132
Mangostões	-100,00	-100,00	0	0	17.640	70.560
Pomelos	-100,00	-100,00	0	0	7.560	42.000
Cerejas	-100,00	-100,00	0	0	1.352	45
Pêssegos	-100,00	-100,00	0	0	105	80
Total	7,37	- 3,02	472.564.158	802.672.846	440.128.802	827.708.334

Fonte: SECEX/DATAFRUTA-IBRAF, 2007.

Segundo Miranda (2003), a integração da cadeia produtiva é fundamental, no sentido de promover iniciativas com base na cooperação entre as empresas e as entidades de apoio, particularmente as que compreendem o sistema de promoção e difusão de novas tecnologias, possibilitando processo inovativo, que determinam à conquista de posições competitivas em bases sustentáveis.

Finalmente, estes fatores têm mostrado o nível de maturidade da cadeia produtiva do segmento frutícola, com muito a se fazer ainda, porém devidamente consolidado como mostram os números das exportações de uva e manga dos últimos 10 (dez) anos e destino, e o seu crescimento, conforme as tabelas 6. e 7. e 8. e 9. que apresentam que do ano de 1997 a 2006 as exportações de uva cresceram mais de 10 (dez) vezes e a de manga 5 (cinco) vezes.

TABELA 6.
AS EXPORTAÇÕES DE UVAS NO VALE DO SÃO FRANCISCO

ANO	EM TON.			EM US\$1.000,00		
	VALE	BRASIL	PARTICP	VALE	BRASIL	PARTICP
1997	3.700	3.705	100%	4.700	4.780	98%
1998	4.300	4.405	98%	5.550	5.823	95%
1999	10.250	11.083	92%	7.910	8.614	92%
2000	13.300	14.000	95%	10.264	10.800	95%
2001	19.627	20.660	95%	20.485	21.563	95%
2002	25.087	26.357	95%	32.460	33.789	96%
2003	36.848	37.600	98%	58.740	59.939	98%
2004	25.927	26.456	96%	48.559	49.550	98%
2005	48.652	51.213	95%	101.912	107.276	95%
2006	59.138	62.251	95%	112.510	118.432	95%

Fonte: SECEX/DTIC/IBRAF, 2007.

TABELA 7.
Exportação Brasileira de Uva por País de Destino 2006

Países	Valor (US\$ FOB)	Volume (kg)
PAISES BAIXOS (HOLANDA)	59.580.500	33.642.617
ESTADOS UNIDOS	27.736.281	13.822.334
REINO UNIDO	22.014.947	10.149.844
NORUEGA	2.603.197	954.200
ALEMANHA	1.224.605	818.198
CANADA	2.111.943	778.444
BELGICA	1.074.832	707.707
ARGENTINA	492.057	336.434
RUSSIA, FEDERAÇÃO DA	208.256	214.200
LITUANIA	150.840	120.780
ITALIA	229.560	109.500
CHINA	143.612	93.976
PORTUGAL	96.130	85.428
ESPAÑA	137.914	76.038
SUECIA	163.225	66.000
FRANÇA	76.434	61.200
IRLANDA	152.169	59.171
URUGUAI	20.060	47.555
GUADALUPE	66.137	32.640
DINAMARCA	58.704	26.730
MARTINICA	35.130	16.320
EMIRADOS ARABES UNIDOS	32.015	16.320
FINLANDIA	23.923	15.300
Total	118.432.471	62.250.936

Fonte: SECEX/DATAFRUTA-IBRAF, 2007.

TABELA 8.
B - EXPORTAÇÕES DE MANGAS NO VALE DO SÃO FRANCISCO

ANO	EM TON.			EM US\$1.000,00		
	VALE	BRASIL	PARTICP	VALE	BRASIL	PARTICP
1997	21.500	23.370	92%	18.600	20.182	92%
1998	34.000	39.185	87%	29.750	32.518	91%
1999	44.000	53.765	82%	28.600	32.011	89%
2000	57.200	67.000	85%	37.180	43.550	85%
2001	81.155	94.291	86%	43.443	50.814	85%
2002	93.559	103.598	90%	45.962	50.894	90%
2003	124.620	133.330	93%	68.256	73.394	93%
2004	102.286	111.181	92%	59.158	64.303	92%
2005	104.657	113.758	92%	66.724	72.526	92%
2006	105.410	114.576	92%	78.992	85.861	92%

Fonte: SECEX/DTIC/IBRAF, 2007.

TABELA 9.
Exportação Brasileira de Manga por País de Destino 2006

Países	Valor (US\$ FOB)	Volume (kg)
PAISES BAIXOS (HOLANDA)	37.301.511	52.489.726
ESTADOS UNIDOS	17.324.304	23.370.773
PORTUGAL	8.592.058	9.935.523
REINO UNIDO	7.771.931	11.230.136
ESPAÑA	4.810.934	6.719.701
CANADA	2.811.431	3.752.270
FRANCA	2.613.320	2.033.520
ALEMANHA	959.346	1.011.378
JAPAO	887.987	339.437
GANÁ	680.657	693.439
ITALIA	555.348	911.994
ARABIA SAUDITA	545.228	708.576
ARGENTINA	504.842	653.760
BELGICA	293.575	418.460
CHILE	106.156	131.328
LIBANO	25.780	44.352
URUGUAI	25.621	72.796
IRLANDA	21.963	22.176
RUSSIA, FEDERACAO DA	18.295	22.176
SUICA	11.248	14.996
DINAMARCA	19	16
Total	85.861.554	114.576.533

Fonte: SECEX/DATAFRUTA-IBRAF, 2007.

3.1.4. O processo de evolução e arranjos produtivos no pólo de fruticultura

Com a expansão da fruticultura foi necessário rever o modelo de produção aplicado no pólo Petrolina - PE/ Juazeiro - BA, nas décadas de 80 e 90, que provocaram mudanças significativas na composição dos produtos cultivados, na base técnica de produção, nas estruturas da posse da terra e do emprego. Ocorre uma mudança significativa no perfil dos produtores, entre esses, surgem às empresas ligadas a grupos empresariais do Brasil e do exterior, com estruturas administrativas modernas e profissionalizadas.

Os fatores que possibilitaram a reestruturação produtiva vieram das mudanças no tocante à formação e técnica de produção, nas relações de trabalho, que impactaram diretamente no emprego e renda da região. Por outro lado, as novas práticas agrícolas que decorreram desse processo e as exigências para uma produção voltada para o mercado de produtos de qualidade, passam a exigir, cada vez mais, mão-de-obra qualificada e serviços especializados tanto no processo produtivo quanto nas atividades pós-colheita.

Todo esse processo foi acompanhado de um conjunto de inovações na organização da produção e do trabalho, dando origem às diversas formas de relações contratuais, que se manifestam sob forma de prestação de serviços e parcerias.

O potencial da fruticultura irrigada no SMSF se torna evidente, pelos resultados obtidos com a cadeia produtiva, mesmo com alguns gargalos e entraves em setores estratégicos é possível alavancar ainda mais o setor.

A realidade do pólo Petrolina/Juazeiro, quanto uma região exportadora de frutas, necessita de um sistema de coordenação de mercado e de políticas públicas, que constitua numa cadeia produtiva organizada, no sentido de promover a competitividade não apenas com a manga e a uva, mas com outras culturas produzidas no pólo.

A dinâmica do setor frutícola no SMSF, tem incorporado modernas tecnologias produtivas, visando satisfazer as exigências de mercados mais competitivos como o internacional, através de pesquisas e programas de produção integrados de frutas (PIF), que influenciou positivamente na evolução das exportações do pólo.

No Nordeste, as peculiaridades climáticas do semi-árido, é um fator determinante para ganhos de produtividade e competitividade, por apresentar alto nível de exposição solar, que proporciona prevenção natural de pragas e doenças. Os novos sistemas de irrigação na região e as altas temperaturas durante o ano todo permitem produção contínua (BNB, 1999).

Com o desenvolvimento da região do SMSF com a fruticultura irrigada, e as vantagens comparativas e competitivas frente a outros mercados, tem atraído investimentos de várias empresas e de países, estimulados pelas potencialidades do pólo.

O planejamento estratégico se faz necessário, para adoção de modelos que responda aos anseios empresariais, mas de forma sustentável e organizada, atraindo os investimentos públicos e privados necessários à consolidação do pólo.

O pólo de fruticultura irrigada Petrolina/Juazeiro, está localizado na região semi-árida e apresenta-se como uma das áreas em desenvolvimento no segmento agroindustrial. O pólo frutícola no SMSF é munido de recursos naturais e vantagens comparativas, frente a outras regiões, potencializando seu crescimento e despertando o interesse crescente dos setores públicos e privados, internos e externos, visando realizar investimentos em vários elos da cadeia produtiva (BNB, 1999).

Os ganhos de produtividade e competitividade se dar por várias razões, onde a região apresenta condições privilegiadas para a exploração e produção de frutas sob base irrigadas, dadas as vantagens comparativas que se aborda a seguir:

- Disponibilidade de terra e de água de boa qualidade e em quantidade suficiente;
- Mão-de-obra abundante;
- Condições edafoclimáticas favoráveis; a alta insolação e a baixa umidade relativa do ar contribuem para a redução da incidência de distúrbios fitossanitários, permitindo a obtenção de até 2,5 safra/ano, na fruticultura irrigada;
- Existência de infra-estrutura de exploração, resultante de elevado montante de investimentos em obras de irrigação;
- Possibilidade de colocação de frutas no hemisfério norte, durante o período de inverno, aproveitando-se a ociosidade da infra-estrutura atacadista (rede de frios);
- Proximidade aos mercados europeu e norte americano, com uma vantagem de até seis dias de transporte marítimo, em comparação com cargas saídas de portos da região sudeste;
- Ciclo produtivo mais precoce e com níveis de produtividade maiores.

3. A INTEGRAÇÃO DOS AGENTES PÚBLICO E PRIVADO COMO FATOR DETERMINANTE PARA O PÓLO DE FRUTICULTURA IRRIGADA PETROLINA - PE/JUAZEIRO - BA

Este capítulo retrata a forma de organização em que o pólo frutícola de Petrolina - PE/Juazeiro - BA, estar inserido em suas representações de produtores, visando o fortalecimento do segmento. Verifica-se o papel das organizações como instrumento de fortalecimento de seus representados frente aos agentes envolvidos na cadeia de frutas, sobretudo, do mercado internacional. Ressalta-se ainda, o modelo de organização e a relevância da integração dos agentes públicos e privados na consolidação dos arranjos produtivos no pólo de fruticultura Petrolina - PE/ Juazeiro - BA.

4.1. A importância das organizações associativas no pólo de fruticultura

As organizações associativas de fruticultores têm se mostrado de extrema relevância nos últimos anos, se manifestando como associações e cooperativas de fruticultores com o objetivo de representar os produtores de frutas de determinada localidade, nas negociações com as agroindústrias e as redes de intermediação e comercialização de frutas in natura, assim como, para intermediar as reivindicações de seus filiados junto ao poder público. Outra instância de organização também presente, como entidade representativa de âmbito local ou nacional, são os sindicatos. Porém, diversas são as formas de organizações que surgem como estruturas de representação voltadas ao segmento frutícola.

A maioria delas cumpre apenas funções comerciais, na negociação e venda das frutas de determinados grupos de produtores. Todavia, quanto mais organizados estiverem os produtores, mais representativo será nas discussões das políticas públicas em benefício do setor.

Segundo Graziano da Silva (1993), a política agrícola brasileira sempre foi uma política de caráter setorial dirigida ao produto. Mas com a crescente especialização da agricultura brasileira, o desenvolvimento do sistema agroalimentar e a constituição dos CAIs a partir dos anos setenta, aprofundaram a tendência de estruturação de um sistema de representação setorial na agricultura brasileira. Neste caso, são associações especializadas por produtos que passam a constituir a representação “real” dos estratos mais modernizados.

Para Soto Baquera (1992), Graziano da Silva (1996) e Belik (1998), entre outros autores, a estruturação dos CAIs, está diretamente associada a forma de representação em que está constituída e organizada os agentes privados, influenciando junto ao poder público na criação e discussão das políticas direcionadas ao setor.

Como se sabe, a maioria dos CAIs criados na década de setenta se firmou num ambiente favorecido pela forte presença do Estado na montagem de uma estrutura para modernização da agricultura, assim como, determinando o ritmo do crescimento do setor agropecuário e promovendo a articulação deste com os setores industriais à montante e à jusante. Essas condições, viabilizadas pelos instrumentos clássicos de política agrícola (crédito, seguro, preços mínimos, pesquisa, assistência técnica, entre outros) e pelos mecanismos de intercâmbio entre os interesses privados organizados e o Estado, credenciaram a emancipação de vários complexos, conferindo a determinados grupos de interesses a capacidade de auto-regulação na gestão das políticas voltadas para o setor.

Com maior participação do Estado na região surgem novas formas de organização de produtores, sobretudo quanto aos projetos de irrigação pública, quando várias cooperativas, associações e, posteriormente, os distritos de irrigação foram criados ou impostos pela CODEVASF.

Todavia, as primeiras manifestações de organização dos produtores em torno da fruticultura ocorreram a partir da criação e implantação dos perímetros públicos irrigados. Entre elas, a Cooperativa Agrícola Mista do Projeto de Irrigação de Bebedouro – CAMPIB, por sua especialização e engajamento no ramo da fruticultura.

Segundo Gama (2001), no decorrer dos anos 50, várias outras organizações foram criadas por diversos agentes envolvidos na atividade frutícola do polo Petrolina - PE/ Juazeiro - BA. Entre elas, deve-se mencionar a Cooperativa Agrícola de Cotia (CAC), que antecedeu a Cooperativa Agrícola de Juazeiro (CAJ) e a associação denominada Agro-Aliança, ambas de grande importância na comercialização de frutas. Em meados dos anos oitenta, surgiu a Valexport, que, atualmente, se destaca como a principal entidade de representação dos interesses na fruticultura da região.

A partir de 1983, com a emancipação política adotada pela CODEVASF quanto aos perímetros de irrigação, foram criadas associações e cooperativas. A CODEVASF transferiu a responsabilidade do gerenciamento dos perímetros públicos para as cooperativas e associações, por meio de Contratos de Administração que previam a participação dos irrigantes visando à auto-gestão dos perímetros. Diante do insucesso desse processo de co-gestão com as Associações dos Colonos, a partir de 1989, foram constituídos os Distritos de

Irrigação, para as funções de administração, operação e manutenção dos perímetros de irrigação Senador Nilo Coelho, Manicoba e Curaçá. (Quadro 1.).

Quadro 1. - Cooperativas, associações e distritos dos perímetros irrigados do pólo Petrolina - PE/ Juazeiro - BA.

COOPERATIVAS / ASSOCIAÇÕES / DISTRITOS	ANO DE FUNDAÇÃO
Cooperativa Agrícola Mista do Projeto de Irrigação de Bebedouro – CAMPIB	1968
Bebedouro	1968
Mandacaru	1971
Bebedouro II	1972
Cooperativa Agrícola Mista do Projeto de Irrigação de Mandacaru – CAMPIM	1973
Distrito de Irrigação do Perímetro Irrigado Senador Nilo Coelho	1979
Associação dos Colonos do Perímetro Irrigado de Manicoba	1984
Cooperativa Agrícola Mista do Projeto de Irrigação de Manicoba – CAMPIMA	1986
Cooperativa Agrícola Mista do Perímetro Irrigado de Curaçá – CAMPIC	1987
Associação dos Colonos do Projeto de Irrigação Senador Nilo Coelho	1987
Associação dos Usuários do Perímetro Tourão	1988
Distrito de Irrigação do Perímetro Irrigado de Manicoba	1989
Distrito de Irrigação do Perímetro Irrigado de Curaçá	1990
Maria Tereza	1994
Associação dos Produtores Irrigantes Moradores N -09	1999
COOMAIAMT – Cooperativa de produção agrícola e comercialização N - 17	2001
AMPA 17-Associação de moradores e Agricultores da área do 17-Maria Tereza	2001
ACOPRU- ASSOCIAÇÃO Comunitária de Produtores Rurais do Km 25 – Covão	2001
AUNIPRO - Associação da União dos Produtores do Maria Tereza - Área 20	2001
Cooperativa COOMAIAMT, no km 25 N – 21	2003
AFPAN - Associação Força dos Produtores Agrícolas – núcleo 23	2003
Associação Vila Esperança	2004
Associação dos Trabalhadores Rurais e Moradores da Vila Nova	2004
Associação dos Produtores Rurais do Núcleo VI	2004
Associação de Pequenos Empresários Rurais do N-7. –APER	2004
Associação dos Moradores Boa Vista	2004
Pontal	2005
Cooperativa Agrícola de Juazeiro	1994
Associação de Produtores e Moradores –ASPROM -N III	2005
Associação de Moradores da Vila Covão Km 22 Projeto Maria Tereza	2005
Associação de Produtores (Recém formada) para viabilizar comercialização N-11	2007
Cooperativa de Produtores do Núcleo IV	2007

Fonte: CODEVASF / PLANTEC (2007).

Nos sete principais perímetros públicos irrigados do pólo Petrolina - PE/ Juazeiro - BA, foi criada, quatro cooperativas, três associações e três distritos de irrigação.

O modelo adotado no tocante a administração das cooperativas e associações inviabilizaram, que o controle dos perímetros passasse a ser dos próprios irrigantes, haja vista que estes não reuniam as condições gerenciais necessárias, que pudessem representar os interesses dos agricultores, política e profissionalmente. Porém, o processo de emancipação nunca eximiu a responsabilidade do poder público da gestão dos projetos, nem significou a constituição de organizações sólidas no âmbito estadual ou nacional.

4.2. A Associação dos Produtores Exportadores de Hortigranjeiros e Derivados do Vale do São Francisco (Valexport)

A Valexport foi criada em 1988 com um pequeno número de empresários. A Valexport surgiu da necessidade de uma entidade que representasse e equacionasse os problemas que começaram a aparecer no segmento de frutas, assim como, solucionar os entraves encontrados nos primeiros esforços de exportação realizados pelas grandes empresas a partir de 1986, com o melão, e em 1987, com a uva e a manga.

Em razão dos mais diversos problemas com o mercado de frutas, e a pouca experiência das empresas produtoras de manga e uva do polo Petrolina - PE/ Juazeiro – BA, que iniciavam a exportação desses produtos, a CODEVASF incentivou os produtores a criarem uma associação. Segundo Damiani (1999), a CODEVASF exerceu um papel crucial na criação da Valexport, não somente promovendo discussões sobre as vantagens da associação, mas também, fornecendo o suporte financeiro à recém-criada organização durante os seus primeiros estágios de existência.

Diante da necessidade de melhor inserção competitiva no mercado internacional, um pequeno número de empresários tomou a iniciativa de criar a associação, que foi concebida visando o desenvolvimento de ações técnico-agronômica, logística e política, com o objetivo de representar seus associados junto ao poder público. Seus associados são compostos por empresas independentes que atuam em caráter mais cooperativo que competitivo, na formulação de estratégias que visem atingir objetivos comuns.

Contando com o apoio dos órgãos públicos e a força do poder econômico e político de seus associados, a Valexport logo se transformou na principal entidade de representação dos interesses privados em torno da fruticultura da região. O planejamento estratégico adotado pela VALEXPORT, tem correspondido às diversas fases que requer o processo de exportação, como os contratos de venda das frutas, parte técnica, controle de qualidade e apoio logístico.

Por sua vez, com o amadurecimento da entidade, ela se estruturou para atuar no plano político tendo como estratégia ocupar os espaços de influência para a consecução dos objetivos que ela considera prioritários para o setor, estabelecendo como metas: 1) fortalecimento das exportações; 2) incremento à pesquisa de fruticultura irrigada; 3) adequação de infra-estrutura portuária e aeroportuária com especialização para operação com frutas, e 4) O estabelecimento de uma política de integração da fruticultura a nível nacional (Valexport, 1999).

O plano de negócio da VALEXPORT, no que se refere aos aspectos operacionais, visa atender as demandas de seus associados, de acordo com os entraves apresentados e comuns aos interesses coletivos.

A VALEXPORT estabeleceu no seu processo gerencial estruturas independentes, denominadas de “câmaras setoriais” como as que passamos a discorrer: 1) o Brazilian Grapes Marketing Board – BGMB; 2) a Câmara da Manga; 3) a Câmara da Uva de Mercado Interno; 4) o Projeto Uva Sem Semente, e 5) o Pool de Fretes Marítimos (Valexport, 1998). Em torno das “Câmaras”, foram estruturados serviços tecnológicos e de apoio à comercialização dos produtos, tais como o Sistema Integrado de Comercialização do Vale do São Francisco - SicVale e a Entidade Tecnológica Setorial - ETS.

4.3. As organizações de representação dos fruticultores do pólo

A partir dos anos 90, surgem novas formas de organizações de produtores, que buscam maior participação competitiva de seus associados no mercado globalizado de frutas, através da centralização de vendas, padronização, controle de qualidade, criação de marcas, entre outras. Dentre as organizações, despontaram o Grupo de Manga do Vale (GMV), com apoio da Valexport, e outras que surgiram por iniciativas de grupos de produtores, ou por incentivo das instâncias governamentais. Entre elas, podem-se mencionar o Grupo de Coco do Vale do São Francisco (GCV), a Associação dos Produtores do Vale (Aprovale), a Cooperativa dos Produtores de Manga e Derivados do Estado da Bahia (Comanba), as cooperativas e associações ligadas às atividades do movimento dos trabalhadores rurais da região, e vários outros grupos de pequeno porte que se organizaram por conta própria em torno da produção e comercialização de frutas.

4.3.1. O perfil das organizações de produtores na fruticultura e sua dependência do poder público

As formas de organizações econômicas e produtivas existentes em torno da fruticultura no pólo Petrolina - PE/ Juazeiro - BA, permite-nos antecipar algumas conclusões. O modelo utilizado na criação das cooperativas e associações de produtores, dos perímetros públicos de irrigação originou uma estrutura de organização extremamente dependente dos poderes públicos, dado a pouca capacidade de representação de interesses dos cooperados. Ressalte-se, que a criação dos perímetros públicos de irrigação favorecia potencialmente as

práticas associativistas e cooperativistas, e por falta de estrutura das mesmas, não tem se concretizado.

Com a redução dos investimentos públicos, sobretudo na agricultura irrigada, essas estruturas apresentaram fragilidades e dificuldades para adequar sua capacidade produtiva, comercial e financeira, assim como, instaurar mudanças necessárias para reverter o quadro de dificuldades enfrentadas por seus associados.

A fragilidade das organizações cooperativas do pólo Petrolina - PE/ Juazeiro – BA, ficou evidente, a exceção da CAJ, que herdou da CAC, uma estrutura de prestação de serviços compatível às empresas capitalistas. A nova estrutura organizacional da CAJ, além de privilegiar a adoção de uma série de critérios e controle de qualidade dos produtos e serviços, também procurou estabelecer parcerias e alianças, com o objetivo de assegurar e conquistar novos mercados. Entre essas alianças cabe destacar sua participação na Valexport, que lhe confere uma maior amplitude na forma de coordenação e representação dos interesses de seus associados.

Para Gama (1999), é a partir da criação da Valexport que se constitui uma organização com capacidade de se transformar no principal loco de representação dos interesses empresariais do pólo Petrolina - PE/ Juazeiro - BA. Trata-se de uma iniciativa de organização a partir da região do SMSF, representando os produtores perante o Estado e coordenando setorialmente questões como o padrão, controle de qualidade, criação de marcas, formação de pool de exportação, etc.

É importante ressaltar, que a forma de atuação da Valexport, é voltada fundamentalmente, para a inserção competitiva da produção de seus associados no mercado internacional, por intermédio das exportações. Mas o acesso ao mercado externo, ainda é restrito a um pequeno número de produtores e empresários que estão diretamente vinculados à associação, enquanto aqueles produtores que não se encontram devidamente organizados, apresentam papel menos relevante quanto às exportações, operando no mercado local e nacional.

A proposta inicial do SicVale, era facultar os seus serviços e beneficiar a todos os produtores, reduzindo a ação dos intermediários na comercialização das frutas. A organização do SicVale poderia dotar as empresas de pequeno e médio porte de uma plataforma de negócios normalmente acessível apenas às grandes empresas, que têm quadros profissionais capazes de reunir a informação de mercado, de logística, de marketing e do associado ao sistema com regras e escala de venda.

Assim, os interesses privados que a Valexport representa junto aos poderes públicos, resultam na defesa da fruticultura nacional e regional, com o objetivo de influenciar na definição de políticas públicas que proporcionem ao segmento melhores condições, visando equacionar os obstáculos na inserção do mercado internacional.

A participação incisiva da VALEXPORT, agregando diversas entidades da cadeia produtiva, pública e privada, no tocante a convênios e parcerias para execução de pesquisas, monitoramento de pragas, doenças e o desenvolvimento do setor, junto a entidades como: EMBRAPA, CODEVASF, SEBRAE e outras instituições, fortaleceram a fruticultura irrigada da região, e o reconhecimento na esfera pública estadual, nos estados da Bahia e de Pernambuco. Com a evolução do pólo frutícola da região do SMSF começa a despertar interesse e aparecer entre as prioridades dos governos estaduais da Bahia e de Pernambuco, dada a sua dimensão socioeconômica na região.

4.3.2. A integração dos agentes público e privado e sua relevância no pólo de fruticultura irrigada Petrolina - PE/ Juazeiro - BA

O segmento frutícola do pólo Petrolina - PE/ Juazeiro - BA, não apenas significou a representação política do setor empresarial, como exerceu papel relevante na construção de arranjos produtivos, visando solucionar problemas do setor. Todavia, era necessário potencializar os nossos diferenciais tais que pudesse atender as exigências do mercado doméstico e internacional quanto à qualidade das frutas, no planejamento setorial, visando maior competitividade do pólo.

O complexo frutícola do Submédio São Francisco, passa a ter maior inserção e solidez como promissor produtor de frutas para o mercado interno e externo a partir da década de 80, em razão da forte presença empresarial, e a implantação dos projetos de irrigação comandados pela CODEVASF. O marco de regulação das organizações e profissionalização do segmento frutícola da região do SMSF, nacional e multinacional foi extremamente relevante para o alcance da capacidade produtiva, e do elevado padrão de qualidade de nossas frutas. O surgimento de associações, cooperativas e sindicatos têm contribuído nas discussões de políticas e demandas junto ao poder público, com o fito de atender as necessidades dos produtores. Observou-se, o esforço cooperativo realizado pelo setor público e pelas empresas produtoras de frutas do pólo Petrolina - PE/ Juazeiro - BA e entidades como a CODEVASF, ATER, PLANTEC, EMBRAPA, SEBRAE, SENAI, SENAR, IPA, CEFET, UNIVASF, UNEB, VALEXPORT, BNB, Associações e Cooperativas de produtores e outras

organizações, que contribuem para consolidação e sustentabilidade do pólo conforme encadeamento ilustrado na figura 2 a seguir, que caracteriza os serviços diretamente ligados ao produtor, o que chamamos de relações de 1º grau, constante da circunferência menor, e os considerados de relações indiretas ou de 2º grau, ilustrado na circunferência maior, e o nível de relevância de cada entidade abaixo mencionada para o desenvolvimento auto-sustentável do setor frutícola na região.

4.3.2.1. Infra-Estrutura

A infra-estrutura nos perímetros de irrigação contribuiu para o melhor desenvolvimento por partes dos produtores em suas atividades de maneira organizada e mais eficiente em função da estrutura existente na região.

É imprescindível para o segmento frutícola que as condições básicas de infra-estrutura no pólo Petrolina-PE/Juazeiro-BA, sejam tratadas como prioritárias, tendo em vista que é a partir do espaço de planejamento que ocorre a cooptação de empresas, investimentos e sustentabilidade do pólo. Porém, parcerias entre as três esferas de governo, Municipal, Estadual e Federal, são fundamentais para atender as demandas empresariais, potencializando a cadeia produtiva existente no pólo, e melhorando as condições dos produtores e os fatores sócio-econômicos da Região.

A ação dos agentes públicos na promoção deste espaço econômico na região do Submédio São Francisco, dispensado pelos governos Federal, Estadual e Municipal através de seus agentes, empreenderam iniciativas das mais diversas, localizadas principalmente no Pólo Petrolina/Juazeiro. Dentre as quais: A implantação da macro-infra-estrutura de irrigação; meios de comunicação, estradas, transportes, eletrificação (rural), implantação dos Distritos estruturados, canais para irrigação etc.

4.3.2.2. Assistência técnica

A Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco (CODEVASF) tem contribuído com o segmento frutícola de Petrolina-PE/Juazeiro-BA, na orientação e assistência técnica, em várias frentes e de forma determinante, desde a implantação dos perímetros de irrigação, a elaboração de estudo de viabilidade técnica, econômica e arranjos produtivos etc., ao seu funcionamento, principalmente com os pequenos produtores. Ressalte-se que a Codevasf nos perímetros de irrigação promove orientação técnica quanto ao manejo e

processos de utilização dos recursos disponíveis para melhor aproveitamento e otimização do plantio até a colheita. A CODEVASF contribui também na contratação de empresas privadas especializadas, como a ATER (Assistência Técnica e Extensão Rural) e a PLANTEC (Planejamento e Engenharia Agrícola Ltda.) para prestarem assistência técnica, aos pequenos produtores dos perímetros irrigados, quanto à reestruturação dos perímetros, revitalização, melhoraria do abastecimento, e o aumento dos canais, com o objetivo de atender a uma área cada vez maior.

Nos perímetros irrigados localizados no estado de Pernambuco, são assistidos 2.320 produtores, sendo 2.208 no Senador Nilo Coelho e 112 no de Bebedouro, que em sua maioria trabalham com a cultura da manga e da uva. Nos perímetros irrigados do estado da Bahia, são assistidos 637 produtores, sendo 278 em Curaçá, 265 em Manicoba, 56 em Tourão e 38 em Mandacaru (CODEVASF/PLANTEC/ATE, 2007).

A CODEVASF está inserida na pasta do Ministério da Integração Nacional, que financia suas atividades, como também a iniciativa privada com projetos de parceria, sendo de extrema importância para o desenvolvimento auto-sustentável do polo de fruticultura irrigada de Petrolina-PE/Juazeiro-BA. Contribui entre outras funções na recuperação e revitalização do Rio São Francisco, implantação dos perímetros de irrigação e no desenvolvimento regional.

Com o advento da constituição e desenvolvimento do polo de fruticultura irrigada de Petrolina-PE/Juazeiro-BA, surgem as oportunidades e por sua vez, a criação e instalação de várias instituições do setor privado de assistência técnica no segmento frutícola, que atendem também os produtores da região, individualmente e aqueles organizados em associações e cooperativas.

4.3.2.3. Pesquisa & desenvolvimento

O perfil e o suporte tecnológico das instituições de pesquisa e sua integração com os produtores, são extremamente importantes para melhoria dos processos produtivos. O Submédio São Francisco agrupa algumas instituições que interagem com os produtores em ações inovativas, no tocante a qualificação através da assistência técnica, produção e difusão de novas tecnologias. Ressalta-se a importância de escolas técnicas e as de nível superior, como a UNIVASF, a escola de agronomia de juazeiro, escola de administração de Petrolina, EMBRAPA, e demais entidades de assistência dos Estados da Bahia e Pernambuco, bem como o IPA (Instituto de Pesquisas Agronômicas de Pernambuco) e o Centro de Pesquisa

Agropecuária do Tropico Semi-Árido – CPATSA. O CPATSA, localizado na cidade de Petrolina que é um centro de pesquisa regional da EMBRAPA, voltado à região do semi-árido nordestino que desenvolve pesquisas, sobretudo em programas de indução floral, estudos sobre novas culturas, nutrição, controle de pragas e análise de solos e folhas.

A EMBRAPA é uma empresa reconhecida no mundo todo pela capacidade de seus profissionais na realização de pesquisas agronômicas, visando melhor introdução de culturas em escala que proporcione maior competitividade no cenário nacional e internacional.

O financiamento da EMBRAPA está vinculado ao Ministério da Agricultura, que controla a liberação de recursos segundo determinação do Ministério da Fazenda.

Na falta do repasse das verbas federais, cada unidade da EMBRAPA tem procurado alternativas que dê prosseguimentos aos projetos existentes, no tocante as pesquisas já iniciadas.

Uma das principais saídas tem sido a utilização de recursos externos. Com um orçamento de R\$ 1,2 milhão, a Embrapa Semi-Árido, localizada em Petrolina (PE), captou R\$ 3 milhões em parcerias com o Banco Mundial, Banco do Nordeste, Petrobras entre outros nos anos de 2005/2006, (JORNAL DA CIÊNCIA, 2007).

A EMBRAPA tem realizado diversas parcerias com os agentes público e privado no que tange a pesquisas e experimentos que redundem na produção de frutas com melhor qualidade e o ano todo. Tanto com os setores organizados em associações, como os próprios produtores, otimizando os recursos existentes e alavancando o processo de desenvolvimento na região do Sub-Médio São Francisco.

Ressalta-se, as pesquisas realizadas no melhoramento genético daquele polo, quanto à viabilidade técnica e econômica na produção de frutas, o que tem atraído empresas e investimentos a região, denotando a necessidade de uma maior integração dos agentes público e privado na criação de estratégia para o fortalecimento das cadeias produtivas do polo.

A UNIVASF tem realizado um excelente trabalho quanto à pesquisa, formas de manejo, e qualificação dos profissionais que estão diretamente ligados ao segmento frutícola da região, com cursos técnicos em parcerias com a iniciativa pública e privada, associações e com os próprios produtores. A UNIVASF tem participado quanto às pesquisas acadêmicas dos docentes, com o objetivo de proporcionar a este polo de desenvolvimento, caminhos e alternativas aos seus discentes preparando-os para atender as demandas oriundas do polo, bem como as parcerias realizadas com os agentes da cadeia produtiva em estudos e estratégias que tornem o segmento frutícola mais competitivo.

4.3.2.4. Crédito e financiamentos

A partir dos anos 80, a presença do Banco do Nordeste do Brasil foi extremamente relevante nas atividades produtivas do Nordeste, inclusive no polo de fruticultura irrigada de Petrolina-PE/Juazeiro-BA, através da criação e concessão de incentivos financeiros e fiscais através de recursos do FINOR entre outros para as empresas se instalarem na região.

O Banco do Nordeste do Brasil (BNB), Banco do Brasil e Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), têm se mostrado grandes parceiros para o desenvolvimento do polo de fruticultura irrigada de Petrolina-PE/Juazeiro-BA, criando e consolidando instrumentos necessários para concessão de financiamentos e linhas especiais de crédito destinados aos produtores do segmento frutícola da região, seja individual ou de forma coletiva através das associações e cooperativas.

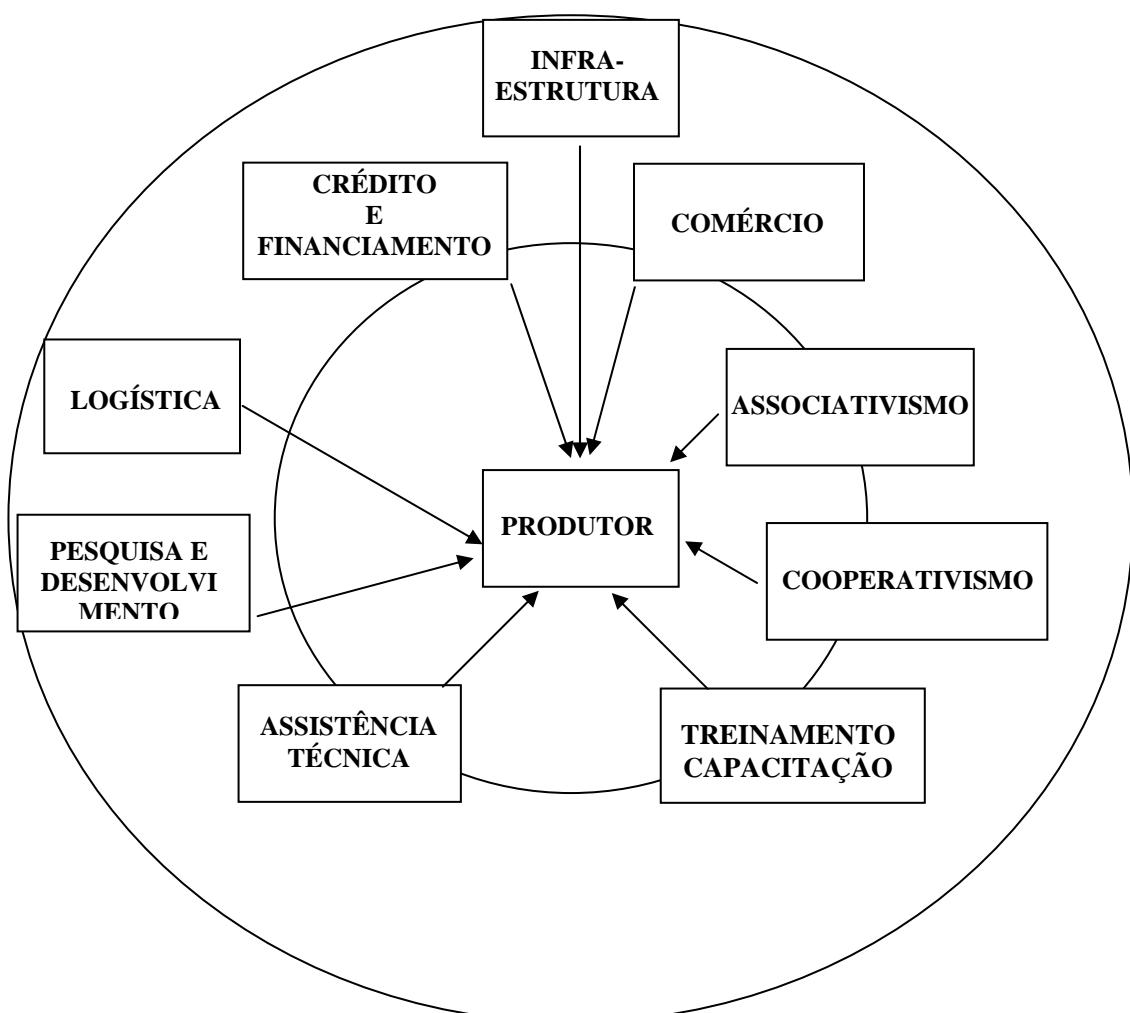


FIGURA 2.

Integração e Encadeamento dos Principais Serviços Necessários aos Produtores do SMSF

Fonte: Elaboração Própria, 2007

Lembrando que o BNB dentre as instituições financeiras que fomentam as atividades produtivas no Nordeste, é aquela que tem destinado maior aporte de recursos para o segmento frutícola do SMSF, e modalidades de crédito como o (FNE), o Fundo de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNDECI) e em parcerias com diversos agentes como a CODEVASF na renegociação dos financiamentos dos colonos que por alguma razão, estão em dificuldade de saldar seus empréstimos.

As diferentes formas de financiamento, retratada na tabela a seguir, demonstram uma participação importante do BNB nos últimos sete anos em que foi dispensados ao setor frutícola da Região do SMSF, com mais de 100 milhões de reais investidos.

TABELA 10.

VALORES CONTRATADOS PELO BNB EM R\$ MILHÕES - VALORES HISTÓRICOS								
PORTE\ANO	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	TOTAL
GRANDE	401,0	73,0	-	-	-	28.838,4	14.449,0	43.761,4
MEDIO	680,1	2.157,5	2.424,7	546,8	3.225,4	6.071,2	6.538,7	21.644,4
MINI	10.928,0	4.221,7	1.896,0	1.218,9	3.859,3	3.012,7	2.399,0	27.535,6
PEQUENO	639,2	777,7	735,4	181,9	1.002,0	2.119,7	1.811,6	7.267,5
TOTAL	12.648,3	7.229,9	5.056,1	1.947,6	8.086,7	40.042,0	25.198,3	100.208,9

Fonte: Gomes da Costa, 2007.

4.3.2.5. Associativismo

Esta é uma palavra que ainda não se encontra nos dicionários, mas que pode ser definida como o ato de se associar, agregar, juntar, unir forças para um fim comum. Numa definição ampla, dizemos que ASSOCIATIVISMO é qualquer iniciativa formal ou informal, que reúne um grupo de empresas ou pessoas, com o objetivo principal de superar dificuldades e gerar benefícios econômicos, sociais ou políticos.

O Associativismo está presente em entidades como associações comerciais, industriais e rurais; sindicatos; cooperativas; parcerias ou associações de interesse econômico, social ou político.

Vamos nos ater, mais especificamente, ao ASSOCIATIVISMO de interesse econômico, que reúne empresas de uma mesma atividade para praticar compras conjuntas, ações de marketing, programas de qualidade, produção compartilhada etc.

As associações de produtores têm contribuído na formação e profissionalização dos colonos, sobretudo na organização uma vez que o trabalho em conjunto permite aos seus participantes através de suas representações discutirem melhores condições e políticas

específicas que atendam em sua plenitude as demandas dos produtores quanto a linhas de crédito, financiamentos e comercialização das safras.

Negócios baseiam-se no segredo, mas o sucesso tem base na cooperação' (John H.Patterson). Esse conceito foi aceito durante muito tempo como a única forma de se obter sucesso nos negócios. Nenhum empresário conversava com outro, para evitar que suas idéias fossem copiadas. Essa falta de comunicação permitia que os fornecedores vendessem a cada produtor com preços diferentes e todos achavam que tinham o melhor preço da região.

Os produtores quando organizados em associação, podem formular suas propostas, tornando possível a contratação de profissionais capacitados, próprios ou terceirizados, no atendimento das demandas recomendadas.

Dentre as associações que atuam no pólo SMSF destaca-se a VALEXPORT, que têm exercido atividades diversas em prol de seus associados, como as que citamos abaixo: levantamento dos preços praticados pelos concorrentes, potencial de compras do grupo, entrevistas com fornecedores, programação de entregas das vendas reduzindo custos de fretes, elaboração de pesquisas de mercado, campanhas promocionais, avaliação das necessidades de treinamento gerencial e operacional, maior capacidade de barganha junto ao sistema financeiro na captação de recursos e maior inserção nas decisões de políticas públicas que venham a ser adotadas para melhoria do setor etc.

4.3.2.6. Cooperativismo

O objetivo social de uma cooperativa é a defesa econômico-social dos seus associados, por meio de ajuda mútua e, para o cumprimento das suas finalidades, quanto maior o capital formado pelas quotas-parte, maior será a diversificação dos itens que atenderão o cooperado.

O que diferencia a cooperativa é a importância do associado que, ao subscrever quotas de participação quando da sua admissão, assume o papel de dono dessa sociedade.

Cooperativas são organizações de cooperação voluntária concebidas como modelo alternativo à concorrência capitalista.

Sua finalidade é viabilizar e desenvolver atividades de consumo, produção, crédito, prestação de serviços e comercialização de acordo com os interesses de seus cooperados.

Uma Cooperativa depende única e exclusivamente da participação e do comprometimento de seus cooperados, que são donos, e como tais, devem respeitar seus deveres e exigir seus direitos. Tradicionalmente, os participantes acreditam nos valores éticos de honestidade, responsabilidade social e preocupação com os outros semelhantes.

Uma Cooperativa é constituída por uma associação de pessoas, com os mesmos problemas e interesses, dedicados à satisfação das necessidades básicas de seus integrantes.

Atualmente, só sobrevivem as Cooperativas que se modernizam, dinamizam suas ações e principalmente que estejam sendo administradas como Empresas, mas não perderam o objetivo de atender o bem estar dos cooperados, caminhando para uma ordem econômica e social mais justa.

Destaca-se, porém, a importância das cooperativas que hoje são cada vez mais profissionalizadas, alcançando maior retorno aos cooperados, pela participação ativa dos seus membros, constituindo maior organização e representação dos seus interesses, no tocante a aquisição de sementes, capacitação, assistência técnica, linhas de crédito, comercialização e fazer parte das discussões, acerca das políticas direcionadas ao segmento.

Conforme quadro 1. desta dissertação, apresenta-se relação de várias cooperativas que destacamos como a: CAMPIB, CAMPIMA, CAMPIC, CAJ, que contribuíram para o crescimento e competitividade dos seus cooperados, seja através de seus próprios recursos, ou mediante parcerias com os agentes públicos e privados, que atuam na cadeia produtiva do pólo de fruticultura irrigada Petrolina-PE / Juazeiro-BA.

4.3.2.7. Treinamento e Capacitação

É de suma importância para o segmento frutícola do pólo Petrolina-PE/Juazeiro-BA, o trabalho realizado por instituições como o SEBRAE, SENAI, SENAR, CEFET, entre outras, através de treinamento e capacitação técnica para os produtores da cadeia produtiva do pólo. Este trabalho, objetiva a difusão da tecnologia e o emprego de técnicas no uso do plantio a colheita, gerando maior produtividade e menor impacto ambiental utilizando o emprego de um sistema de condução e poda, obtendo uma copa uniforme e de fácil manejo, equilibrando as atividades frutícolas e a produção regular de boa qualidade.

O Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR-PE) atua praticamente em quase todo país treinando e capacitando agricultores e produtores, e no SMSF têm realizado cursos no segmento frutícola da região quanto à fruticultura básica, cultivo de fruteiras perenes e semi-perenes. O Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI - PE), no SMSF, têm trabalhado na formação dos agricultores e produtores em cursos de operador de inspeção de qualidade, supervisor de produção e na elaboração de vinhos.

Outra etapa contemplada está relacionada às práticas de manejo do solo e da água, visando à melhoria da fertilidade de frutas e o aumento da eficiência dos fertilizantes, a

conservação do solo e da água de forma integrada, através dos cursos de capacitação ministrados pelo SEBRAE e por instituições privadas que também atuam neste segmento.

O SEBRAE promoveu no ano de 2006 através do projeto de fortalecimento do APL (arranjos produtivos Locais), de fruticultura irrigada do Vale do São Francisco, em parceria com diversos agentes da cadeia produtiva, como: SENAI, SENAR, e outros, para 1.000 fruticultores do Vale do São Francisco, organizados em Associações e Cooperativas, visando fortalecer o treinamento e capacitação dos produtores (SEBRAE, 2006).

A cadeia alimentar de frutas agrega como um dos principais fundamentos além da qualidade e preço, o grau de uniformidade e homogeneidade do sistema produtivo, razão da relevância da capacitação dos produtores no uso correto e racional, na produção de frutas que atendam as exigências do mercado interno e externo.

O CEFET realizou no ano de 2006 cursos com treinamento e capacitação para 800 produtores (rurícolas), no manejo de uvas sem sementes, na Fazenda Terra do Sol e a Sanvaley, além da MF Agrícola e Necta Agrícola.

4.3.2.8. Logística

As frutas e hortaliças destinadas ao consumo “in natura” alcançam sua qualidade máxima no momento da colheita, não podendo ser melhoradas, mas somente preservadas até um determinado limite. A qualidade desses produtos depende de uma série de fatores fisiológicos, mecânicos e ambientais. Assim, a deterioração das frutas e hortaliças é um processo irreversível e inevitável e, dessa forma, o cuidado deve começar no campo, especificamente no momento da colheita, devendo, sobretudo, se estender por todas as etapas pós-colheita até o consumo.

As medidas que sucedem à colheita exercem papel fundamental no atendimento dos anseios dos consumidores, pois a procura por alimentos saudáveis faz com que o consumidor cada vez mais busque frutas com esses atributos.

A pós-colheita tem um papel tão importante quanto o da produção, onde os processos de classificação, embalagem, manuseio e transporte adequado, devem ser incorporados à cadeia produtiva. O não-emprego desses processos e algumas práticas adotadas pelos produtores, como a colheita precoce, na tentativa de que o produto resista ao transporte, acabam trazendo uma depreciação na qualidade do produto.

Os altos custos dos fretes agrícolas nacionais, o uso de veículos inadequados, o acondicionamento em embalagens inapropriadas e as técnicas obsoletas de carga e descarga

fazem da logística de distribuição uma das principais causas de perda de qualidade dos produtos hortícolas, trazendo prejuízos para produtores e consumidores. O uso de embalagens que respeitem as características do produto, a paletização da carga, a utilização de câmaras frias, o transporte e a armazenagem apropriados.

Uma nova tendência de organização do setor são os galpões de embalagem (packing house), estruturas que atuam no beneficiamento, tratamento, armazenamento e empacotamento de hortícolas frescos. Essas estruturas podem ser, uma unidade de pessoa física ou jurídica, responder pela produção de um só produtor ou grupo de produtores (associação ou cooperativa) ou ainda prestar serviço para os produtores locais. Estes galpões auxiliam no melhor controle de qualidade, além de agregar valor ao produto.

Os ganhos dos investimentos em embalagens e galpões, que garantam a qualidade do produto, serão percebidos se o transporte dos hortifrutis ocorrer em veículos apropriados.

Contudo, o maior desafio do setor logístico dos hortifrutis é a definição de quem será o agente responsável pela articulação e coordenação da cadeia. As grandes redes varejistas podem exercer este papel, mas é necessário ainda estabelecer a organização do pequeno varejo e dos pequenos produtores quanto ao acesso a estas redes.

Apesar da evolução apresentada, alguns problemas precisam ser solucionados quanto à infra-estrutura logística. A má conservação das estradas, a distância dos portos de Suape e Pecém, tendo em vista, a pouca estrutura de armazenagem para esse tipo de produto, e o custo das tarifas para utilização dos mesmos. Salientamos que o modal aéreo, é o principal meio de transporte para escoar nossa produção para o mercado externo, elevando os custos de produção e consequentemente comprometendo nossa competitividade no mercado internacional.

O Aeroporto de Petrolina – Senador Nilo Coelho se firma como um dos principais do Nordeste, impulsionado pela produção do Vale do São Francisco, maior exportador de frutas do Brasil e responsável pela maior taxa de crescimento econômico da Região.

A Infraero dotou Petrolina de um aeroporto com a mais moderna infra-estrutura para o transporte de carga e a segunda maior pista de pouso e decolagem do Nordeste. Investimentos realizados em 2004 aumentaram a pista em 250 metros, o que permite a plena operação de aviões de grande porte, como o Boeing 747-400, que transporta até 110 toneladas de produtos em sua versão cargueira.

Os vôos sem escalas para Europa e para os Estados Unidos, possibilitam a redução de custo com o transporte, e estimulam as exportações de frutas do SMSF.

As frutas cultivadas no Vale do São Francisco, prioritariamente manga, uva e banana, têm destino certo para a União Européia e os Estados Unidos. A produção anual chega a um milhão de toneladas. O terminal de cargas do Aeroporto de Petrolina está preparado para atender à demanda, com dois mil metros quadrados.

A estrutura é toda preparada para atender à produção perecível, com seis câmeras frigoríficas, com capacidade de armazenamento de 17 mil caixas cada uma, e dois túneis de resfriamento. Foram construídas docas e a antecâmara do terminal recebeu climatização para evitar que as frutas sofram choque térmico ao sair da temperatura ambiente, que varia entre 32°C e 38°C, para as câmaras frigoríficas, entre -2°C e 8°C (INFRAERO, 2007). A INFRAERO tem sido um grande parceiro para os que representam à cadeia produtiva do polo de fruticultura irrigada Petrolina-PE/Juazeiro-BA, no que concerne a modalidades e formas de transportar nossa produção, bem como com a criação de rotas para diversos destinos como as Américas, Europa, Ásia e outros mercados.

4.3.2.9. Comércio

A cadeia internacional de suprimento de frutas frescas envolve mercados fortemente oligopolizados, em torno dos quais se conformam grandes estruturas logísticas, em sua maioria, coordenadas pela iniciativa privada através das redes internacionais, onde elas, diretamente ou através de mecanismos contratuais variados, passam a dominar não apenas a esfera da distribuição mas, também, a órbita da produção, armazenagem e comercialização.

A VALEXPORT e o SEBRAE, estar desenvolvendo na área comercial em parcerias com o Banco do Brasil, Ministério da Agricultura, as prefeituras de Petrolina e Juazeiro e a CODEVASF, a criação de uma unidade de comercialização, constando de leilão eletrônico e balcão eletrônico de compra e venda. Isto é fundamental para resolver um entrave à comercialização para o mercado interno e a desigualdade dos pequenos produtores frente aos atravessadores. De modo geral, o canal de comercialização de frutas é composto pelos seguintes agentes: produtor, intermediário, atacadista, varejista e exportador.

No que se refere ao fortalecimento das exportações, destaca-se a articulação do SEBRAE na medida em que coordena e centraliza as ações do programa de promoção de exportações da APEX. Ao SEBRAE compete a concepção, o planejamento, a elaboração dos projetos e a promoção de negociações junto às instituições participantes para ações previstas no programa.

Entre outras atividades realizadas em parcerias entre a VALEXPORT e o SEBRAE ou contando com o apoio deste, destaca-se o projeto uva sem sementes, organização do SicVale, fundação do GMV e do GCV, orientado para o mercado internacional.

O planejamento gerencial da VALEXPORT tem permitido maior ganho de escala, redução dos custos de captação, disseminação de informações e a montagem de um sistema logístico eficiente. Estes processos são de fundamental importância para conferir uma maior competitividade aos produtos, na hora da comercialização ao mercado internacional.

Por outro lado, também proporcionou uma ampliação no poder de barganha frente aos importadores e distribuidores das frutas produzidas na região, nesse mercado altamente exigente com a qualidade dos produtos (quanto ao brix, embalagem, tamanho, visual, entre outros critérios), com o compromisso e a regularidade das entregas.

Ressalte-se também, a importância do modelo aplicado, quanto ao programa de exportação de mangas (USDA/MAPA), demonstrando o nível de profissionalização da Valexport em prol dos interesses de seus associados.

No formato de exportação inspirada no “modelo dos boards”, ainda, que partindo da iniciativa dos produtores, o Estado se fez presente no desenvolvimento de ações organizadas, apoiando as exportações de frutas frescas. Entre elas, pode-se mencionar a divulgação das informações técnicas e de mercado, a promoção e divulgação dos produtos no exterior, que constituíram as ações dos programas de apoio à fruticultura, além de todo o aparato de apoio à promoção das exportações.

4.3.2.10. As barreiras e os desafios do pólo de fruticultura do SMSF

Compreende-se, imperativa a integração e ampliação do raio de atuação da VALEXPORT, com a inserção e participação de outros grupos de representação dos segmentos de pequenos e médios fruticultores. Esta legitimação política e social é fundamental para atendimento das demandas dos produtores, gerando as condições necessárias para concorrer com as empresas que atuam no pólo Petrolina - PE/ Juazeiro - BA.

Apesar da forte presença do BNB na região, como parceiro dos mais diversos segmentos produtivos, a questão do crédito e suas formas de captação, segundo a maioria dos produtores, é o maior desafio para a sobrevivência de muitos, razão das exigências impostas pelo banco, que os produtores não conseguem atender.

Com a pesquisa realizada *in loco*, constata-se através das entrevistas que embora o desenvolvimento do segmento frutícola no SMSF seja fato, verifica-se a necessidade de mudanças no que se refere aos processos e arranjos produtivos visando à melhora da competitividade no mercado doméstico e internacional, em função de algumas barreiras ainda existentes na região. Caracterizam-se como as maiores dificuldades a serem superadas as questões a seguir expostas:

- Linhas de créditos diversificadas e compatíveis com a realidade do produtor;
- Concessão de crédito regular de forma mais célere;
- Maior aporte de recursos em pesquisas e acompanhamento técnico;
- Estratégia com maior alcance quanto à promoção;
- Mais investimentos em capacitação e qualificação em recursos humanos;
- Melhoria da logística quanto armazenamento;
- Política fiscal e tributária, que reduzam os custos com transporte portuário aeroviário e rodoviário;
- Políticas públicas integradas com a cadeia produtiva nas tomadas de decisões.

4.4. O potencial da fruticultura irrigada no SMSF

Com a economia cada vez mais globalizada, o segmento frutícola do Brasil, tem se configurado, como uma das atividades mais promissoras da atualidade, sobretudo, no que se refere aos potenciais produtivos de nossa região.

Ao contrário de outros países, o Brasil tem o único semi-árido tropical do mundo, o que dadas às peculiaridades, apresenta vantagens comparativas com o resto do mundo. Este diferencial possibilita a produção de mais de duas safras de frutas por ano, com baixa incidência de doenças, proximidades dos mercados consumidores, abundância de mão-de-obra e disponibilidade de água.

Apesar dessas peculiaridades apresentadas, e estarmos entre os três maiores produtores de frutas do mundo, somos apenas o vigésimo maior exportador do mundo com pouco mais de 1% (um por cento) do comércio mundial.

Nas incursões realizadas no Pólo de Fruticultura irrigada de Petrolina - PE/ Juazeiro - BA, constata-se uma relevante e integrada participação dos agentes público e privado, ficou também denotada que das demandas com destino ao mercado internacional, mais de 80% das exportações são daqueles produtores associados à Valexport, demonstrando, destarte, que os pequenos produtores ou aqueles que não estão vinculados a alguma forma de organização,

estão fora das práticas pertinentes ao melhor desempenho e arranjos produtivos mais eficientes, como também maior poder de barganha, quanto à obtenção de recursos, e melhores preços na comercialização de suas safras, que apenas, atendem as especificações do mercado interno.

Numa economia globalizada, a dinâmica de mercado necessita ser combinada com um novo tipo de intervenção do Estado. A realidade econômica atual, como lembra Dupas (1999), requer um Estado normativo e catalisador, facilitando, encorajando e regulando os negócios privados. Isso pressupõe, necessariamente, a recuperação da capacidade de indução do Estado na criação de estruturas e mecanismos eficazes para fiscalizar e fazer cumprir os acordos e compromissos assumidos nos processos de regulação.

No entanto, ressaltam Lopes & Brandão (2000), a tendência verificada no passado recente, de menor intervenção do Estado nos mercados, contrasta com a necessidade atual de um processo intenso de regulação em áreas tais como: segurança alimentar, controle de qualidade, modificação genética dos alimentos, controle ambiental, monitoramento dos processos de produção.

Atualmente, diversos padrões, normas, medidas e procedimentos de certificações que dificultam o acesso dos produtos, principalmente, no mercado externo. Aqui, a pesquisa de novas tecnologias e de novos processos tecnológicos mais adequados se destaca como componente fundamental.

Entende-se a necessidade de um modelo que adote estratégia exportadora com mecanismos para potencializar a expansão do mercado interno e externo de frutas. Mas é de suma importância, uma maior presença do Estado com investimentos em pesquisas, desburocratização do crédito, política pública específica para a fruticultura, melhoria em logística e transporte, redução dos custos portuários e aeroportuários. Estas medidas tornará o segmento frutícola da região, mais competitivo no cenário internacional. Ressalte-se, que dadas às peculiaridades encontradas no pólo, espera-se maior participação do Estado na criação de políticas públicas que visem constituir, sobretudo, potencial de crescimento que insira não apenas aqueles produtores que estão devidamente organizados, mas a todos que integram a cadeia produtiva no pólo Petrolina - PE/ Juazeiro – BA.

4. CONCLUSÕES E SUGESTÕES

O pólo de fruticultura irrigada de Petrolina-PE/Juazeiro-BA sofreu nos últimos dez anos transformações importantes, que proporcionaram a melhoria da estrutura produtiva da região, visando atender as exigências do mercado global, sobretudo em razão dos investimentos públicos e privados nos projetos de irrigação.

O crescimento do setor frutícola na região do SMSF, atraiu várias empresas, que previram oportunidades financeiras, e realizaram investimentos na região buscando a consolidação do pólo nas exportações de frutas.

O melhor entendimento técnico dos padrões e exigências do setor possibilitou à reestruturação dos sistemas agroalimentares a nível mundial e a evolução das cadeias de suprimento, integrando novas regiões de produção garantindo o abastecimento de frutas durante o ano todo para os países desenvolvidos.

É evidente que o segmento frutícola desenvolveu-se em função dos investimentos realizados na irrigação pública, patrocinados pelo Estado em meados de 70 e com seu fortalecimento, atraiu e estimulou os agentes privados a investirem na fruticultura da região. Com a globalização, as exigências de qualidade na fruticultura passaram a assumir características ditadas pelos grandes mercados consumidores.

Vale destacar também que as grandes empresas vêm ampliando sua influência, dentro e fora dos perímetros públicos, atuando cada vez mais como intermediários importantes no processo de comercialização. Visando maior aceitação dos países importadores, às empresas vem apresentando maior padronização da logística à pós-colheita, de modo a se adequar ao gosto dos consumidores (sabor, aparência, etc.) e as exigências ditadas pela cadeia de comercialização (embalagem, transporte, resfriamento, armazenagem etc.).

No que concerne aos avanços no processo produtivo da fruticultura, estes padrões se evidenciam no uso de técnicas mais modernas de irrigação (microaspersão e fertirrigação); bem como no cuidado com a poda, com a exagerada exposição ao sol dos frutos e do acondicionamento a eles destinados na atividade de colheita, buscando padrão que exige o mercado internacional. Isto tem levado os produtores a maior conscientização, quanto à importância da pesquisa de novas variedades de frutas que atenda ao gosto do consumidor dos grandes mercados importadores.

O estudo revela ainda, os esforços empreendidos pelos produtores através da VALEXPORT (Associação dos Exportadores do Vale do São Francisco), no sentido da

geração e difusão de informações de mercado, principalmente o externo. A coordenação das atividades de comercialização, criação de marcas para os principais produtos, manga e uva; e indução das atividades de pesquisas são algumas atribuições da VALEXPORT.

O suporte tecnológico advindo das parcerias dos agentes públicos e privados através das instituições de pesquisas é um dos fatores positivos que concorrem para o avanço de arranjos e padrões produtivos. Um dos aspectos que explicam o vigor produtivo do pólo é o fato de podermos produzir no período de entressafra dos principais países produtores e exportadores.

Desta forma pode-se ampliar a participação nesse mercado, aproveitando as janelas do mercado internacional para escoar sua produção, bem como, desfrutar de preços mais elevados devido a menor concorrência. A pesquisa realizada no pólo de fruticultura irrigada Petrolina-PE/Juazeiro-BA, demonstra que os objetivos pretendidos foram alcançados, sob a base de dados bibliográficos e através das visitas in loco, que caracterizaram e confirmaram a existência de parcerias e programas integrados entre os agentes públicos e privados como os descritos no capítulo quarto dessa dissertação.

No tocante aos objetivos específicos e o processo de evolução do pólo, está caracterizado através das tabelas 5, 6, 7, 8, e 9 dessa dissertação, em que apresenta o crescimento do segmento frutícola da região nos últimos dez anos. A importância das instituições de apoio e pesquisas, nas transformações hoje vistas no SMSF, foi de suma importância para a obtenção dos resultados alcançados, quanto à organização, implantação e coordenação da produção de frutas em bases irrigadas.

Vale salientar, que a integração dos agentes públicos e privados no fomento do segmento frutícola, favoreceu na introdução de processos, arranjos produtivos e pesquisas visando o desenvolvimento do setor, tornando a região, como, das mais bem sucedidas na produção e exportação de frutas, em bases irrigadas do país.

Com a introdução de novas tecnologias adotadas desde o preparo do solo a colheita dos frutos pelos produtores, tem-se apresentado ganhos de produtividade e competitividade frente a outros mercados. Ressalte-se, que a evolução e o estágio conquistado pelo pólo foi fruto de investimentos da iniciativa pública e privada, como as grandes redes de supermercados baseados na região, e agentes públicos como EMBRAPA, CODEVASF e outros retratados nessa dissertação.

Isto posto, é razoável afirmar que o pólo atingiu seu estágio de maturidade e por sua vez, encontra-se consolidado como uma das principais regiões produtora e exportadora de frutas do país.

A consolidação advém, sobretudo, pela participação e organização da iniciativa privada, constituída em torno do segmento frutícola, com destaque para a Valexport, que com sua representação pôde interagir com o Estado e manter relações com instituições dos setores públicos e privados, discutindo políticas que convergissem com as demandas do pólo. Em termos conclusivos pode-se afirmar que, de uma maneira geral, a realidade atual dos negócios em torno do complexo frutícola do pólo Petrolina-PE/Juazeiro-BA, apresenta uma situação favorável em termos de perspectivas de mercado e da esfera produtiva.

O nível tecnológico e a capacidade de promover arranjos e processos inovativos levam os agentes públicos e privados a criar políticas estruturais e efetivas no âmbito de permitir ao segmento melhores condições de participação no mercado de frutas internacional. Constatada-se através da pesquisa que a região do pólo de fruticultura irrigada de Petrolina-PE/Juazeiro-BA, alcançou ao longo dos últimos 10 anos, excelente desempenho, determinado na força do setor empresarial e de agentes públicos voltados ao fomento produtivo.

O setor frutícola cresceu mais que o resto do Brasil, apoiado nos perímetros de irrigação e nas vantagens climáticas só encontradas no Nordeste. Dada à pesquisa realizada no pólo de fruticultura irrigada Petrolina-PE/Juazeiro-BA, ressalta-se a experiência vivida e bem sucedida da região, com estratégias e arranjos produtivos, que devem ser considerados e levados a outras regiões do país.

No entanto, apesar da evolução conquistada, ainda se faz necessário maior integração e coordenação dos agentes públicos e privados. Entre outras ações, recomenda-se:

1- Um planejamento integrado entre os agentes público e privado, compartilhando decisões com a participação das instituições de pesquisa agrícola, universidades e órgãos de defesa fitossanitária, com objetivo de gerar soluções tecnológicas para o desenvolvimento de um agronegócio cada vez mais competitivo em esfera internacional; 2- Desenvolver pesquisas tecnológicas adequadas à agricultura irrigada e ao controle de pragas e doenças vegetais, com criação de um sistema de certificação regional associado às características típicas da região e 3- Elaboração de um modelo de integração dos agentes público e privado que favoreça as políticas públicas no atendimento das principais demandas da cadeia produtiva, da produção a comercialização, que contemplem a todos os produtores do pólo de fruticultura irrigada de Petrolina-PE/Juazeiro-BA.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, M.C. de. **A. Terra e o Homem no Nordeste**. São Paulo: Ed. Ciências Humanas, 1980.
- BELIK, W. **Auto-regulação e políticas públicas para o setor agroalimentar no Brasil**. Campinas: UNICAMP - Instituto de Economia, 1995. 35p. (UNICAMP - IE. Texto para Discussão, 47).
- BELIK, W. Estado, grupos de interesse e formulação de políticas para a agropecuária brasileira. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, Brasília, v.36, n.1, p.9-33, 1998.
- BELIK, W. **Muito além da porteira:** mudanças nas formas de coordenação da cadeia agroalimentar no Brasil. 1999a. Tese (Livre Docência) - Universidade Estadual de Campinas - Instituto de Economia, Campinas.
- BELIK, W.; CHAIM, N.A. Formas híbridas de coordenação na distribuição de frutas, verduras e legumes no Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 37, 1999, Foz do Iguaçu. **Anais...** Brasília: SOBER, 1999. 1 CD-ROM. Seção Artigos.
- BENDINI, M.; PALOMARES, M. Globalización y estrategias empresariales en la fruticultura: sus efectos en los pequeños productores. **International Journal of Sociology of Agriculture and Food**, 1993.
- BENDINI, M.; PESCIO, C. Expansión y crisis de una agroindustria: globalización y resistencia - una reflexión acerca de la dinámica social en la región frutícola de peras y manzanas en el norte de la Patagonia Argentina. **Cadernos de Ciência e Tecnologia**, Brasília, v.14, n.2, p.257-268, 1997.
- BONANNO, A. Globalización del sector agrícola y alimentario: crisis de convergencia contradictoria. In: BONANNO, A. (Ed). **La globalización del sector agroalimentario**. Madrid: Ministerio de Agricultura, Pesca y Alimentación, 1994. p. 16-49.
- BONANNO, A. A globalização da economia e da sociedade: fordismo e pós-fordismo no setor agroalimentar. In: CAVALCANTI, J.S.B., (Ed). **Globalização, trabalho e meio ambiente:** mudanças sócioeconômicas em regiões frutícolas para exportação. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1999. p.47-94.
- BONANNO, A.; MARSDEN, T.; GRAZIANO DA SILVA, J. da. Globalização e localização: elementos para entender a reestruturação dos espaços rurais. In: CAVALCANTI, J.S.B. (Ed.). **Globalização, trabalho e meio ambiente:** mudanças sócioeconômicas em regiões frutícolas para exportação. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1999.
- BRASIL. Ministério da Agricultura e do Abastecimento. **Mapeamento da fruticultura brasileira**. Brasília, 2000. 110p.
- BROUSSEAU, E.; CODRON, J.M. La complémentarité entre formes de gouvernance: le cas de l'approvisionnement des grandes surfaces en fruits de contre saison. **Économie Rurale**, Paris, n.245-246, p.75-82, 1998.

CAVALCANTI, J.S.B. Globalização e agricultura: processos sociais e perspectivas teóricas. **Revista de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE**, Recife, v.1, n.2, 1995.

CAVALCANTI, J.S.B. Globalização e processos sociais localizados na fruticultura de exportação do Vale do São Francisco. In: CAVALCANTI, J.S.B. (Ed.). **Globalização, trabalho e meio ambiente**: mudanças sócioeconômicas em regiões frutícolas para exportação. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1999. p.123-170.

CEFET – Relatório de atividade, 2006.

CODEVASF. **PLANVASF - Plano Diretor para o Desenvolvimento do Vale São Francisco**: plano diretor - síntese. Brasília: CODEVASF/SUDENE, 1989.

CODEVASF. **Cadastro Frutícola 1999 do Vale do São Francisco**. Brasília, 1999. 1 CD.ROM.

CODEVASF/ATER/PLANTEC, 2006. **Relatório Anual Sobre Assistência Técnica aos Fruticultores de Petrolina e Juazeiro**.

DAMIANI, O. **Beyond market failures**: irrigation, the state, and non-traditional agriculture in Northeast Brazil. 1999. Tese (Doctor of Philosophy) - Department of Urban Studies and Planning, Massachusetts Institute of Technology, Cambridge.

DUPAS, G. **Economia Global e Exclusão Social**. O Estado de São Paulo, São Paulo, 2 Abril, 1999

FAO, 2005 (FOOD AGRICULTURAL ORGANIZATION).

FARINA, E.Q.M.; Zylbersztain, D. Relações **Tecnológicas e Organização dos Mercados do Sistema Agroindustrial de Alimentos**. Caderno de Ciência e Tecnologia, Brasília, 1991.

FAVERET FILHO, P; ORMOND, J.G.P.; PAULA, S.R.L. de. Fruticultura brasileira: a busca de um modelo exportador. **BNDES Setorial**, Rio de Janeiro, n.9, 1999.

FERNANDES, M.S. **A Cadeia Produtiva da Fruticultura**. In ; Caldas, R. de A. Ed. Agronegócio Brasileiro: Ciência, Tecnologia e Competitividade. Brasília: Cnpq, 1998.

FRIEDLAND, W.H. The new globalization: the case of fresh produce. In: BONANNO, A.; BUSCH, L.; FRIEDLAND, W.H. *et al.* (Ed). **From Columbus to ConAgra**: the globalization of agriculture and food. Lawrence: University Press of Kansas, 1994a.

FRIEDLAND, W.H. The global fresh fruit and vegetable system: an industrial organization analysis. In: McMICHAEL, P. (Ed). **The global restructuring of agro-food systems**. London: Cornell University Press, 1994b.

FRIEDMANN, H. The political economy of food: a global crisis. **New Left Review**, London, v.197, 1993.

FRIEDMANN, H.; McMICHAEL, P. Agriculture and the state system: the rise and decline of agricultures, 1870 to the present. **Sociologia Ruralis**, Netherlands, v.16, n.2, 1989.

FURTADO, C. **O capitalismo global**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

GAMA, Pedro; Evolução recente da cadeia de frutas frescas no pólo Petrolina – PE/ Juazeiro – BA. Caderno de Debates, Vol. VII, 1999 – UNICAMP.

GAMA, Pedro; Articulação dos Interesses Públicos e Privados no Pólo Petrolina - PE/ Juazeiro - BA: em Busca de Espaço no Mercado Globalizado de Frutas Frescas, Tese de Doutoramento – 2001 – UNICAMP.

GAYET, J. P. Especial sobre fruticultura. Receita para crescer. **Agroanalysis**, Rio de Janeiro, v.19, n.1, jan. 1999.

GOMES, U. A viticultura no Sub-médio São Francisco. Disponível em: <http://www.CODEVASF.gov.br/frame_.html> Acesso em 28 de fev. de 1999.

GOMES DA COSTA, José. Entraves e Alternativas para a Expansão do Crédito Rural na Fruticultura Irrigada do Pólo Petrolina – PE / Juazeiro – BA – Dissertação de Mestrado – UFPE – 2007 – p. 121.

GOODMAN, D. Agro-food studies in the 'Age of Ecology': nature, corporeality, bio- politics. **Sociologia Ruralis**, Netherlands, v.39, n.1, p.17-38, 1999.

GOODMAN, D.; REDCLIFT, M. **Refashioning nature**: food, ecology and culture. London: Routledge, 1991. 279p.

GRAZIANO DA SILVA, J. Complexos agroindustriais e outros complexos. **Reforma Agrária**, Campinas, v. 21, 1991.

GRAZIANO DA SILVA, J. Las organizaciones profesionales en la moderna agricultura brasileña. **Agricultura y Sociedad**, Madrid, n.68-69, 1993.

GRAZIANO DA SILVA, J. **A nova dinâmica da agricultura brasileira**. Campinas: UNICAMP – Instituto de Economia, 1996. 217p.

GRAZIANO DA SILVA, J. Uma agenda de pesquisa para esse final de século. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS, 21, 1997, Caxambu. **Anais...** ANPOCS, 1997.

GRAZIANO DA SILVA, J. A globalização da agricultura. In: SILVEIRA, M. A.; VILELA, S.L. de O. (Ed.). **Globalização e sustentabilidade da agricultura**. Jaguariúna: EMBRAPA-CNPMA, 1998. p.29-38. (EMBRAPA-CNPMA. Documentos, 15).

GREEN, R.H.; SANTOS, R.M.R. dos. Économie de réseau et chaîne agro-alimentaire. In: GREEN, R.H.; SANTOS, R.M.R. dos. (Ed.). **Brésil: un système agroalimentaire en transition**. Paris: IHEAL, 1993.

IBRAF (Instituto Brasileiro de Frutas) – 2007 – www.ibraf.org.br

INFRAERO – 05/2007 - http://www.infraero.gov.br/aero_prev_home.php?ai=89

JORNAL DA CIÊNCIA, 2007 - <http://www.jornaldaciencia.org.br>

KAGEYAMA, A; BUAINAIN, A.M.; REYDON, R.P. *et al.* O novo padrão agrícola brasileiro: do complexo rural aos complexos agroindustriais. In: DELGADO, G.C.; GASQUES, J.G.; VILLA VERDE, C.M. (Org.). **Agricultura e políticas públicas**. 2 ed. Brasília: IPEA, 1996. p.113-223.

LOPES, M. de R.; BRANDÃO, A.P. **Oportunidades e requerimentos do sistema agroalimentar do Mercosul ampliado para o acesso aos mercados mundiais nas próximas décadas**: perspectivas setoriais nos mercados mundiais organização do setor privado e da pesquisa. Montevidéu: PROCISUR/BID. 2000. 65p. (PROCISUR. Proyecto Global. Documentos,17).

MACHADO FILHO, C.A.P.; SPERS, E.E.; CHADDAD, F.R. *et al.* (Ed.). **Agribusiness europeu**. São Paulo: Pioneira, 1996. 132p.

MARINHOZZI, G.; CORREIA, R. C. Dinâmica da agricultura irrigada do Pólo Juazeiro-BA /Petrolina-PE. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 37., 1999, Foz do Iguaçu. **Anais...** Brasília: SOBER, 1999. 1 CD-ROM. Seção Artigos.

MARSDEN, T. Globalização e sustentabilidade: criando espaço para alimentos e natureza. In: CAVALCANTI, J.S.B., (Ed). **Globalização, trabalho e meio ambiente**: mudanças socioeconômicas em regiões frutícolas para exportação. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1999.

MARSDEN, T.; FLYNN, M.; HARRISON, M. **Consuming interests: the social provision of foods**. London: UCL Press, 2000. 220p.

MIRANDA, Érico, **Comportamento Inovativo e Competitividade na Fruticultura do SMSF**, Editora Universitária/UFCG – 2003.

NASSAR, A.M. **Eficiência das associações de interesse privado nos agronegócios brasileiros**. 2001. Dissertação (Mestrado em Administração). Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo.

OLIVEIRA, A.C. de. (Coord.) **Impactos econômicos da irrigação sobre o pólo Petrolina-Juazeiro**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1991. 270p. il.

PATTON, M.Q. (1990). **Qualitative Evaluation Methods**. Beverly Hills, ca: Sage.

RAMALHO JÚNIOR, A. **Complexo agroindustrial, grupos de interesses e políticas públicas**: o caso do trigo no Brasil. 1994. 244f. Tese (Doutorado em Economia) - Universidade Estadual de Campinas -Instituto de Economia, Campinas.

SEBRAE – 2006. APLs – <http://www.sigeor.sebrae.com.br>

SOTO BAQUERA, F. A. **Da indústria de papel ao complexo florestal no Brasil**: o caminho do corporativismo tradicional ao neocorporativismo. 1992. Tese (Doutorado em Economia). Instituto de Economia - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.

VALEXPORT. **Fruticultura: uma abordagem estratégica construtiva**. Petrolina, PE, 1996.

VALEXPORT. Valexport e a fruticultura no Vale do Submédio São Francisco. Petrolina, PE, 1999. 7p.

VALEXPORT. Plano tático. Disponível em: <<http://www.valexport.com.br/intro.html>> Acesso em: 22 jun. de 2001.

WATTS, M.; GOODMAN, D. Agrarian questions: global appetite, local metabolism: nature, culture, and industry in *fin-de-siècle* agro-food systems. In: GOODMAN, D.; WATTS, M., (Ed.). **Globalising food**: agrarian questions and global restructuring. London: Routledge, 1997.